



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PARAÍBA  
Setor de Doc. e História Regional  
CAMPINA GRANDE - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA — CAMPUS II  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS, TECENDO CAMPINA GRANDE...  
*Desenvolvimentismo e Modernidade no discurso do "Diário da Borborema"*  
(1956-1961)

*Viviane Gomes de Ceballos*

Orientador: *Durval Muniz de Albuquerque Júnior*

- Campina Grande, PB -  
- Maio de 2001 -



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS, TECENDO CAMPINA GRANDE...  
*Desenvolvimentismo e Modernidade no discurso do "Diário da Borbovema"*  
(1956-1961)

*Monografia apresentada à Banca Examinadora composta pelos professores Alarcon Agra do Ó, Fábio Guttemberg Ramos Bezerra de Souza e Durval Muniz de Albuquerque Júnior, conforme exigência de conclusão de Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal da Paraíba - Campus II.*



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

## *Banca Examinadora*

---

Alarcon Agra do Ó

---

Fábio Guttemberg Ramos Bezerra de Souza

---

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

## AGRADECIMENTOS

*“Viver é a coisa mais rara do mundo, a maioria das pessoas apenas existe.” (Oscar Wilde)*

A todos vocês que, de alguma forma, contribuíram para meu viver.

A começar por você, MÃE, que me pôs no mundo, me criou de uma forma tão especial e fez de mim o que sou hoje, filha, mulher, mãe – que eu consiga dar a minha filha a paz e a segurança que você me deu.

RODRIGO, esposo, amigo e companheiro, que me ensinou que o amor existe e que pode mobilizar a nossa vida. Ao fruto desse amor, MORGANA, filha amada, que me dá forças para continuar vivendo.

E, a você MÃE TORTA, que do seu jeito me mostrou que a vida pode ser mais simples do que parece, porque temos que viver cada momento com a intensidade que ele merece.

A DURVAL, professor, mestre, que me mostrou os caminhos a seguir e que orientou os meus passos para a elaboração deste e de tantos outros trabalhos.

À SOCORRO RANGEL, amiga, professora, exemplo.

A minhas IRMÃS que tantas encheram a minha vida de alegrias e de momentos de cumplicidade.

A todos os outros AMIGOS e PROFESSORES que contribuíram para que esse trabalho fosse possível, e que eu vencesse mais essa etapa da minha vida com alegria e realização.

Obrigada por vocês existirem, ou melhor viverem e brindarem minha vida com sua presença ...

## SUMÁRIO

### **INTRODUÇÃO**

*Cidade: um observatório de diversidades*..... 01

### **CAPÍTULO I**

*Falas que elaboram uma cidade*..... 14

### **CAPÍTULO II**

*Brasília, esperança dos homens do interior?* ..... 50

**CONCLUSÃO**..... 78

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**..... 80

### **ANEXOS**

*Plano-Piloto de Brasília*

**Entrelaçando histórias,  
tecendo Campina Grande...**

**Desenvolvimentismo e Modernidade  
no discurso do "Diário da Borborema"  
(1956-1961)**

## INTRODUÇÃO

### *Cidade: um observatório de diversidades*

O início do século XX marca um momento na história do Brasil em que as cidades vão ser pensadas como espaço de intervenção de técnicos. As cidades, assim, necessitariam de uma reordenação de seus espaços e nas formas de vivência destes.

Esse olhar que incide sobre a cidade, cria, assim, outras formas de elaboração discursiva sobre o que significa viver em meio à desordem, à insalubridade, à miséria, ao caos, à falta de higiene física e moral que caracterizavam a vida citadina. Ir para a cidade implicava uma nova ordenação espacial, política, social, religiosa, era um reelaborar do imaginário daquele que migrava, era um processo de desterritorialização. Consistia, sobretudo, em adaptar-se a um novo conjunto de códigos e de imagens que antes não se conhecia. O caráter efêmero e cosmopolita das cidades choca aqueles que saem do campo e que estão acostumados a lidar com códigos e hierarquias sociais pretensamente rígidas.

Por outro lado, a cidade dá visibilidade aos extremos sociais. Há uma clara distinção entre a pobreza e o deslumbrante mundo burguês. O pobre – sujo, amoral, fedorento – deve ser vigiado, controlado, higienizado, disciplinarizado para viver neste outro território, a cidade. Faz-se uma distinção entre o burguês desodorizado e o pobre infecto, onde o odor passa a ser sinônimo de miséria, doença e não-civilização. Haveria, assim, a necessidade de *“vencer a sujeira dos comuns e drenar a imundície dos*



terreiros.”<sup>1</sup> Constrói-se a cidade burguesa como um território higienizado, ordenado, disciplinarizado. Abre-se espaço, portanto, para que os higienistas proponham o seu modelo de cidade; modelo este em que estratégica e simbolicamente se associa à desinfecção e à submissão do pobre ao modo de vida burguês. Sevcenko nos apresenta uma imagem da mobilização das pessoas em torno da edificação de uma cidade moderna. Em “*Orfeu Estático na Metrópole*” ele afirma que

*“o condicionamento dos corpos e a invasão do imaginário social pelas novas tecnologias adquirem, portanto, um papel central nessa experiência de reordenamento dos quadros e repertórios culturais herdados, composta sob a presença dominante da máquina no cenário da cidade tentacular.”*<sup>2</sup>

Podemos dizer, então, que a violenta urbanização, o ideal da modernidade que invadia todos os países considerados “civilizados”, transformou não apenas a cidade em sua forma estética, mas a própria vida das pessoas que viviam, ou não, nos grandes centros urbanos, dando mobilidade a seus corpos e hábitos.

A cidade se desenvolveu de forma magnífica e assustadora e criou novas subjetividades, novas práticas sociais que passaram a dirigir e a controlar os corpos. Para disciplinarizá-los a uma nova forma e ritmo de trabalho surgiram várias casas de correções ou instituições que tinham este mesmo fim. Outros modelos de sociabilidade foram criados e seguidos pela

---

<sup>1</sup> SCHAARF, M. B. e GOUVEIA, R. R. “Significados da Urbanização: traços e fontes do historiador”. In.: SÁ, C. (org.) *Olhar Urbano, Olhar Humano*. São Paulo: IBRASA, 1991; p. 64.

sociedade civilizada. Entretanto, esses modelos não eram absolutos e não atendiam aos anseios de toda a população. Sendo assim, existiram homens que mantiveram velhas formas de ser, de viver e de compreender o mundo. Estes homens foram discriminados, marginalizados, considerados “loucos”, homens atrasados, fora de seu tempo. A cidade burguesa, por sua vez, fez emergir várias instituições e códigos de sociabilidade que funcionariam como instrumentos capazes de enquadrar esses “loucos” ao modo de vida ordenado e exemplar que se queria instituir como legítimo.

O ideal da modernidade, a devastadora urbanização, as massas populacionais que passavam a ocupar cada recanto das cidades apontaram, entre tantos outros aspectos, para a grande transformação de um mundo que há séculos, praticamente desde a Revolução Burguesa na Inglaterra e a Revolução Francesa, vinha desenvolvendo-se com a defesa de uma racionalização do homem, da concentração das individualidades para a formação da nação e da civilização.

*“O século XIX não soube corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Assim se impuseram as mediações falaciosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é – com uma palavra-chave encontrada por Baudelaire – a Modernidade.”<sup>3</sup>*

Mesmo não tendo conseguido reduzir as discrepâncias entre o progresso da técnica e a não criação de um mundo melhor, o século XX é

---

<sup>3</sup> SEVCENKO, N. *Orfeu Estático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 18.

marcado pela emergência de um urbanismo que via a cidade como campo de atuação de técnicos, como os arquitetos por exemplo. É nesse processo de urbanização das cidades que, uma infinidade de projetos de intervenção na cidade emergem; projetos que tinham a intenção de *“urbanizar e conferir um aspecto moderno, [de] regular o presente e prever as demandas futuras.”*<sup>4</sup> O traçado das ruas, novos bairros, técnicas construtivas atualizadas eram considerados aspectos fundamentais para expressar visualmente a “modernidade” que se fazia presente nas cidades.

No entanto, essas são questões que só podem ser pensadas a partir de uma nova concepção de espaço possibilitada, dentre outros aspectos, pela contribuição de uma nova corrente de pensamento na geografia. Esta deixa de lado as análises descritivas, que entendiam a cidade como uma realidade isolada da região ou do rural. Passa-se a entender que

*“o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade, por isso estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço.”*<sup>5</sup>

É essa nova visão do espaço, agora entendido como um construto social, que nos possibilita pensar a cidade também como construída social e

---

<sup>3</sup> BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 24.

<sup>4</sup> BRESCIANNI, M. S. M. “História e Historiografia das cidades, um percurso” In.: FREITAS, M. C. de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998; p. 255.

historicamente. No primeiro capítulo de sua tese de Doutorado, “Geografia em Ruínas”, Durval Muniz discute como a emergência do olhar moderno possibilitou que o “*espaço perdesse sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, artificial, construída pelo homem.*”<sup>6</sup>

O urbanismo no Brasil sofreu uma forte e significativa influência do urbanismo progressista francês que tem como metas a racionalidade, a modernidade e a eficácia. É um estilo que considera o urbano apenas como espaço físico, sem levar em consideração as questões sociais. As características desse progressismo francês no Brasil,

*“apresentam-se na medida em que o fato urbano é definido como um fenômeno unicamente físico, que em seu campo disciplinar atuam quase somente arquitetos e engenheiros civis, e que as proposições resultantes tratam o espaço urbano como um grande edifício... o urbanismo brasileiro não é crítico, é especializado, e não questiona a cidade como processo social... não existe, assumida e explícita, uma atitude de análise dos aspectos das cidades brasileiras e este fato transparece nas propostas de novas capitais como Belo Horizonte e Goiânia.”<sup>7</sup>*

E, posteriormente, acontecerá com Brasília, como mostra claramente James Holston em seu texto “*A Cidade Modernista*”<sup>8</sup>. Neste texto Holston discute a influência de Le Corbisier e de todo o urbanismo francês, vinculado

---

<sup>5</sup> SÁ, C. “Olhar Urbano, Olhar Humano: uma apresentação” In.: *Op. Cit.*, 1991; p. 24.

<sup>6</sup> ALBUQUERQUE JR., D. M. “Geografia em Ruínas” In: *O engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. Tese de Doutorado, Unicamp, 1994, p. 22.

Outras referências sobre essa discussão, ver: SÁ, C (Org) *Olhar Urbano, Olhar Humano*. São Paulo: IBRASA, 1991. VESENTINI, J. W. *A Capital da Geopolítica*, 4ª ed. São Paulo: Ática, 1996, pp. 7-13.

<sup>7</sup> SÁ, C. “Olhar Urbano, Olhar Humano: uma apresentação” In.: *Op. Cit.*, 1991; p. 28.

<sup>8</sup> HOLSTON, J. *A Cidade Modernista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ao CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, na elaboração do projeto que criaria Brasília. Um projeto de cidade racionalmente elaborada<sup>9</sup> e definida de forma que seus espaços, auto-suficientes, conseguissem criar uma imagem de cidade ordenada, limpa, que respondesse aos padrões de modernidade e urbanização que se instituíam como modelo a ser seguido.

A nossa preocupação, portanto, é escrever um texto que possibilite ao leitor uma reflexão sobre o caráter de modernidade atribuído à Campina Grande na década de 1950. Essa pretensão, no entanto, não desconsidera todo esse debate ocorrido desde o início do século XX nesta cidade e que é trabalhado em outros trabalhos.<sup>10</sup> Buscamos, ao contrário, refletir sobre até que ponto a política desenvolvimentista empreendida por Juscelino Kubitschek e a compreensão de modernidade que ela propunha ecoaram na Campina Grande de então, e até que ponto as imagens recorrentes podem ser vistas como uma releitura da cidade possibilitada por uma reelaboração das imagens de modernidade que foram atribuídas à cidade e que agora se modifica.

Entendendo a cidade como um texto, como elaboração de vários discursos que sobre ela incidem e para ela criam um arquivo imagético, privilegio o *Diário da Borborema* como fonte para que uma das imagens criadas para Campina Grande na época possa por nós ser investigada.

---

<sup>9</sup> O Plano-Piloto apresentado por Lúcio Costa e que foi escolhido para a construção de Brasília encontra-se em anexo a este texto.

<sup>10</sup> ARANHA, G. B. *O Trem na Paraíba: tramas do político, imagens do moderno, significação cultural (1880-1922)* Projeto de Doutorado, Unicamp, 1995 (mimeo); SOUSA, F. G. R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade. Campina Grande (1920-1945)*. Tese de Doutorado. Unicamp, Março de 2001; VÉRAS, C. C. de L. *O Espelho de Narciso*. Monografia de Graduação em História. Campina Grande, UFPB, 1988.

Sobre o governo JK incide o marco da mudança da capital do país para o interior e que suscitou uma série de debates e de questões que ultrapassam a discussão em torno da viabilidade ou não do projeto. Está em pauta um projeto de cidade, de modernidade, de higienização que não pode ser desconsiderado ou menosprezado. Sabendo que é nesse momento que o Diário da Borborema é criado, e passa a ser um dos principais veículos de informação da elite campinense juntamente com a Rádio Borborema, contudo, a minha intenção não é ler o jornal apenas como veículo de informação mas, sobretudo, como um espaço de intervenção – onde não apenas se fala de uma cidade mas a edifica, a cria.

No momento de sua fundação o *Diário da Borborema* instituí para si o estatuto de marco na história campinense, sendo portanto, um ícone representativo da modernidade vivenciada na cidade. Sei que esta leitura do discurso do jornal, ou mesmo de qualquer outro discurso, como espaço de intervenção não é nada inovadora. No entanto, acredito ser esta a melhor forma de trazer à tona as vozes que para além de informar sobre os acontecimentos da vida campinense, tanto se esforçou para elaborar uma imagem progressista para esta cidade e imprimir nela as suas marcas.

Alguns trabalhos nos apresentam essa visão da cidade como texto, e que servem de referência para o presente trabalho. Mostram em seus textos que a cidade, ou melhor, as imagens que se constroem para as cidades são o produto de uma variedade de falas que buscam instituir para ela uma fisionomia, uma imagem de homogeneidade, de racionalidade. Um arquivo

imagético que somente pode ser pensado e entendido num determinado momento histórico definido. Para ele,

*“o índice histórico das imagens não diz apenas que elas pertencem a um determinado tempo, mas sobretudo, que só se tornam legíveis num determinado tempo.”<sup>11</sup>*

O discurso do *Diário* é, ao mesmo tempo, instituinte da modernidade, ou de uma imagem de modernidade para Campina Grande, e filho, ou produto dessa mesma modernidade. Isso porque só é possível, e inteligível dentro deste momento histórico. Após muitas experiências de jornais que circulavam esporadicamente, finalmente, Campina Grande ganharia um jornal diário que corresponderia ao porte e ao papel desempenhados por esta cidade na região.

*“O Diário da Borborema surge como a concretização plena de um sonho longamente acalentado da população desta cidade: o seu jornal diário. (...) este matutino, caçula da cadeia nacional dos ‘Diários e Rádios Associados’, o qual passa a figurar na história da imprensa campinense mesmo a sua página mais fulgurante.”<sup>12</sup>*

Mesmo sendo “caçula”, como dito na fala acima, o *Diário* aparece para os campinenses como este marco de um novo momento vivido pelos que fazem a cidade funcionar. Era um marco de progresso. Afinal, eram poucas as cidades do interior nordestino que possuíam um jornal diário, e com a

<sup>11</sup> BOLLE, W. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 33. Outras referências, ver: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.; FOUCAULT, M. “Conferência I”. In: *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 1996. SEVCENKO, N. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: *História da Vida Privada*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>12</sup> “Um Novo Marco” *Diário da Borborema*, 02 de Outubro de 1957, p. 01; col. 01.

estrutura que este possuía. Mais do que um veículo de informação, para Assis Chateaubriand<sup>13</sup>, o jornal era considerado “uma mentalidade alta para o povo paraibano”. No discurso que proferiu na ocasião da inauguração do *Diário*, que ocorreu nas ruas da cidade, sendo aclamado por centenas de pessoas, o então Senador disse:

*“Aqui estamos, e para aqui vimos, animados de intenções cívicas, para empreender convosco, ao vosso lado, **movimentos educativos, suscetíveis de melhorarem o vosso meio, de aperfeiçoarem os vossos costumes, e de enriquecerem a vossa gente.** Não nos sabemos servir para a conquista da popularidade, da diarréia verbal, dos tagarelas vazios da III República. Nossas fainas educativas visam elevar a vossa inteligência, desenvolver o vosso julgamento, **afim de vos colocar sob a influência de padrões de moralidade, que façam dos campinenses cidadãos em vez de sequazes da cabotinagem nacional, resolvida a tomar senzala de escravos, do tipo da União Soviética e da China Vermelha, como modelos para a nossa juventude e o nosso povo.**”<sup>14</sup> (grifos nossos)*

Parece significativa a fala do Senador Chateaubriand ao definir o papel do *Diário da Borborema*. Em nenhum momento ele se refere ao jornal apenas como espaço informativo, pelo contrário, como trechos em destaque bem mostram, a intenção parece ser fazer do jornal um lugar de discussão de novos (ou outros) modos de experimentar a cidade, que servirão como padrão de

<sup>13</sup> Assis Chateaubriand, jornalista paraibano, nesta época Senador da República. Esteve à frente da fundação do *Diário da Borborema* junto às Emissoras Associadas.

<sup>14</sup> Assis Chateaubriand – “Uma mentalidade alta para o povo paraibano” *Diário da Borborema*, 08 de Outubro de 1957, p. 02; col, 02.



moralidade e de vivência. E vai além, essas discussões devem saltar das páginas do matutino e ganhar espaço na vida dos campinenses, na sua forma de ver, viver e sentir o mundo à sua volta. Essa é uma imagem do jornal que se consolida e que, mais tarde, nas comemorações do seu segundo aniversário, volta à tona.

A imprensa como indicativo de progresso ganha uma conotação distinta em Campina Grande. Nas vozes do *Diário da Borborema* várias são as referências ao caráter empreendedor e de luta dos campinenses. Este jornal, portanto, veio a consolidar um “sonho longamente acalentado” pelos homens desta cidade. É uma empresa que assegura a manutenção do jornal e a sua função de “*legítimo órgão do pensamento e das aspirações da cidade.*”<sup>15</sup> Mas como a imagem do jornal como marco, ou a sua legitimidade enquanto “porta-voz” do pensamento e dos desejos da cidade, só é possível na relação que estabelece com seu outro, este também aparece como peça fundamental para tamanho empreendimento.

*“O amor da população aos seus órgãos de imprensa é prova de que esta veio preencher uma lacuna ou satisfazer uma necessidade do seu meio.”<sup>16</sup>*

Era assim que o *Diário* instituía para si um lugar de importância na vida da cidade. Primeiro sendo necessário para esta, e depois sendo um espaço em que as aspirações dos campinenses tinham vez, na medida em que partilhassem dos padrões de moralidade e de cidadania de que falava Chateaubriand em seu discurso.

*“Desde que apareceu o primeiro número deste jornal, temo-nos esforçado em oferecer aos leitores um jornal sério; voltado para o progresso da cidade, defensor das reivindicações da população, pretendendo mais esclarecer a opinião pública a respeito dos problemas gerais e locais, sem outro intuito senão o de bem servir.*

*Erros e falhas, podemos tê-lo cometido. E serão devidos à nossa insuficiente tarimba de imprensa, nunca a propósito de deliberadamente causarmos qualquer prejuízo a pessoas ou grupos muito menos aos superiores interesses da cidade.”<sup>17</sup>*

Para além do *Diário* ter criado para si mesmo um lugar de marco na história campinense e, mais ainda, ter se colocado como um ícone do progresso vivido pela cidade, ele também elege outros ícones representativos dessa modernidade que caracterizaria Campina Grande. São símbolos que falam de uma modernidade e somente podem ser pensados quando inseridos nela. Portanto, a minha preocupação neste texto é apresentar ao leitor alguns desses ícones como eles vão sendo acionados com o intuito de criar uma imagem progressista para a cidade; e como eles interferem nesse espaço.

Assim, o trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo, *“Falas que elaboram uma cidade”*, se dedica às várias falas que elaboram para Campina Grande uma imagética de cidade moderna e progressista. Essa imagética é elaborada a partir da eleição de alguns eventos da história da cidade que vão sendo descritos como símbolos de um progresso necessário e

<sup>15</sup> “A Cidade e sua Imprensa” *Diário da Borborema*, 18 de Abril de 1959, p. 02; col. 01.

<sup>16</sup> “A Cidade e sua Imprensa” *Diário da Borborema*, 18 de Abril de 1959, p. 02; col. 01.

<sup>17</sup> “A Cidade e sua Imprensa” *Diário da Borborema*, 18 de Abril de 1959, p. 02; col. 01.

que é parte do destino desta cidade. Na década de 1940 Campina Grande ganha destaque na região, sendo considerada como um grande centro comercial da Paraíba. Para a década de 50, essa imagem é reelaborada a partir de outros eventos considerados como indicadores de progresso. Um problema que é apresentado como crucial para que o desenvolvimento da cidade acontecesse, era o precário abastecimento de água. No entanto, neste capítulo pretendemos apresentar ao leitor algumas temáticas que se tornaram recorrentes para a construção de um arquivo de imagens que viviam a caracterizar Campina Grande como uma cidade moderna e progressista. Temáticas essas que foram selecionadas e privilegiadas a partir da documentação pesquisada: a relação de proximidade entre o presidente JK e Campina Grande; a construção de um serviço de abastecimento de água que resolvesse alguns problemas da cidade; a transferência do DNOCS para Campina Grande; a construção do Teatro Municipal; a sucessão municipal de 1959.

No segundo capítulo, "*Brasília, esperança dos homens do interior?*", buscamos apresentar ao leitor mais um ícone representativo da modernidade, agora não só campinense, mas brasileira. O Brasil vivia um momento de grande efervescência nas discussões em torno do nacionalismo e de uma proposta desenvolvimentista que viria a fazer com que o Brasil conquistasse enfim a posição de país desenvolvido. A necessidade de industrialização, o fomento a um rápido crescimento econômico, bem como o projeto de integração nacional eram algumas prerrogativas deste governo. No entanto, o projeto mais ambicioso e que gerou maior polêmica foi, sem dúvida,

a interiorização da Capital Federal. Com esta proposta o presidente Juscelino Kubitschek conseguiu reunir em torno de si uma série de opiniões as mais contrastantes. Mas, o que nos interessa dizer, é que na verdade a elaboração de uma imagem de cidade ordenada, limpa, e com novos signos indicativos desse progresso não é um movimento que está ocorrendo apenas na Paraíba, ou em algumas cidades isoladamente. Pelo contrário, é parte de um movimento nacional de elaboração de uma racionalidade e de um controle cada vez maior sobre os espaços e a vivência destes. Neste capítulo, o leitor terá a oportunidade de conhecer algumas falas sobre a construção de Brasília no *Diário da Borborema*, e perceber como a Nova Capital aparece nas falas como símbolo nacional, ou mais, como projeto nacional. Falas que deixam informados os campinenses acerca das discussões em torno da interiorização da capital, bem como das propostas desenvolvimentistas do então Presidente da República.

As leituras de cidade e do que as confere um caráter de modernidade sofrem reelaborações ao longo do tempo. É a partir dessas releituras que podemos empreender um trabalho como esse, em que a preocupação é perceber as novas (ou outras) formas de ver, sentir, viver, entender e ler a cidade – seja essa tarefa de quem a vive ou de quem escreve sobre ela instituindo assim um outro olhar e uma outra verdade para esse espaço...

## CAPÍTULO I

### Falas que elaboram uma cidade

*“Campina Grande – principal cidade do interior do Nordeste brasileiro, sobreleva-se pela grandeza crescente de seu imóvel (sic) que é de 14.575 casas, das quais 6.121 urbanas e as restantes, em número de 8.454, povoam os vários distritos do município, pelo seu imenso comércio de algodão, cujo crescente desenvolvimento a coloca, naturalmente, como sendo hoje a terceira praça algodoeira do mercado mundial.”* (Anuário da Paraíba, 1936)

*“Para quem chega do Sertão ou das áreas rurais do interior da Paraíba, Campina Grande avulta como uma metrópole, dotada de todos os recursos e serviços mais atualizados. A expressão ‘São Paulo do Nordeste’ assenta bem nesse caso. Para quem vem de uma capital como Fortaleza, Recife, ou do sul do País, é apenas uma cidade mais desenvolvida.”* (Relatório do SESC – 1964)

As falas apresentadas como epígrafe erigem para Campina Grande uma imagem de cidade progressista e moderna. São dizeres que mostram uma reescritura da cidade a partir da eleição de diferentes ícones caracterizadores do progresso vivido por Campina Grande, desde o início do século passado<sup>1</sup>. Vemos a distinção dos olhares que aqui se evidenciam sobre a cidade. Primeiramente, percebemos a beleza e o número de imóveis que a compõem sendo associados à sua importância econômica como fatores que

---

<sup>1</sup> Ver: ARANHA, G. B. *O Trem na Paraíba: tramas do político, imagens do moderno, significação cultural (1880-1922)* Projeto de Doutorado, Unicamp, 1995 (mimeo); SOUSA, F. G. R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade. Campina Grande (1920-1945)*. Tese de Doutorado. Unicamp, Março de 2001; VERAS, C. C. de L. *O Espelho de Narciso*. Monografia de Graduação em História. Campina Grande, UFPB, 1988.

caracterizariam seu progresso. Em seguida, no Relatório do SESC, o destaque atribuído à Campina Grande está na imagem progressista que ela faz saltar aos olhos daqueles que a visitam.

Portanto, o presente capítulo foi pensado de forma a possibilitar ao leitor conhecer algumas temáticas recorrentes da época (1956-1961), e que deixa espaço para compreendermos os efeitos do projeto desenvolvimentista característico do governo Kubitschek. Temáticas essas que foram selecionadas e privilegiadas a partir da documentação pesquisada: a relação de proximidade entre o presidente JK e Campina Grande; a construção de um serviço de abastecimento de água que resolvesse alguns problemas da cidade; a transferência do DNOCS para Campina Grande; a construção do Teatro Municipal; a sucessão municipal de 1959. Para tanto, me aproprio do discurso do *Diário da Borborema*, não o entendendo como um instrumento de informação simplesmente, mas como um espaço privilegiado de escritura da cidade.

A criação de um arquivo imagético que atribuisse a Campina o estatuto de cidade progressista, adveio da necessidade que esta cidade possuía de manter a posição privilegiada que tinha adquirido em décadas anteriores na região. A década de 1940, marca esse momento em que Campina Grande vive um vertiginoso crescimento e se firma como importante centro comercial e, portanto, econômico da região Nordeste.<sup>2</sup> O interessante mostrar é como essa

---

<sup>2</sup> SESC – *Campina Grande: um centro comercial do Nordeste*, Relatório do Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC) publicado à ocasião da comemoração do centenário da cidade em 1964.; CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXV, nº IV maio de 1964. Mais referências ver nota 1.

imagética de progresso, que ocorre em Campina Grande, reflete um projeto nacional que visava a elaboração de uma imagética do Brasil como um país progressista.

No governo do presidente JK tem lugar no Brasil uma série de discussões em torno de um padrão de modernidade e um projeto progressista para o país. Sua pretensão de fazer o Brasil avançar “50 anos em 5” exprimia essa proposição. O Brasil devia deixar de ser um país marcado pela sua condição sub-desenvolvida, e passar a fazer parte dos países desenvolvidos que compunham o mercado internacional. A necessidade de firmar o seu lugar nessa disputa existente entre os grandes países do mundo, levava a se pensar que o Brasil precisava de mudanças rápidas e extremamente eficazes, a ponto de garantir esse novo posicionamento à nível mundial. Assim JK descrevia as medidas necessárias para que o Brasil viesse a crescer:

*“Uma revolução deveria ser feita. Revolução, não de sangue, mas de métodos administrativos. Em primeiro lugar, o Brasil deveria extinguir seus espaços vazios. Para que esse escopo fosse atingido, diversos tabus teriam de ser quebrados; processar-se a exploração dos seus imensos recursos naturais; proceder-se à extinção dos seus clamorosos desníveis sociais, através de uma disseminação uniforme do progresso; fazer-se a aproximação dos núcleos populacionais pela abertura de estradas em todas as direções; dar-se energia abundante e barata aos Estados, providenciando-se a construção de usinas hidrelétricas onde elas se fizessem necessárias e sem qualquer preocupação regional; atrair capitais externos, de forma a possibilitar a ereção de*

*siderúrgicas, tendo em vista uma industrialização nacional; irrigar-se, através de uma intensiva política de açudagem, a terra seca do Nordeste, para estimular sua agricultura; devassar-se a floresta amazônica, de modo a incorporá-la ao território nacional e, por fim, mudar-se a sede das decisões governamentais, construindo-se a nova capital no centro geográfico do país.”<sup>3</sup>*

Essas eram as principais medidas, apresentadas por Juscelino Kubitschek, necessárias para que o Brasil desse início ao seu processo de desenvolvimento.

Campina Grande era, assim, um importante centro comercial da Paraíba, e mantinha sob sua influência várias cidades do interior paraibano e de outros estados circunvizinhos, o que garantia a manutenção de sua importância para a economia e o desenvolvimento paraibanos.

*“A atuação comercial de Campina Grande, principalmente através dos grossistas, é extraordinária. Ultrapassando os limites da Paraíba penetra folgadoamente nos estados vizinhos do Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco e, em escala mais reduzida, atinge também, os estados do Maranhão e do Piauí, onde as vendas alcançam Bacabal, Pedreiras e São Domingos do Maranhão. Em direção ao sul, apesar da presença de Recife no litoral pernambucano, Campina Grande aparece*

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, J. K. de. *Porque Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch, 1975, p. 12.



*vendendo, também, para algumas praças do sertão de Pernambuco e do interior de Alagoas.”<sup>4</sup>*

Mas a importância dessa cidade não se restringe apenas ao seu papel econômico na região Nordeste e, mais particularmente, na Paraíba. São vários os trabalhos que tem como preocupação, cada um sob uma perspectiva, recuperar as estratégias discursivas de elaboração de uma imagem de progresso para Campina Grande. Trabalhos como o de Cassandra Vêras<sup>5</sup>, nos mostram como as transformações urbanas vivenciadas entre os anos 1935 e 1945, promoveram uma modificação visual da cidade: a construção de numerosos edifícios públicos e particulares; definição das áreas urbanas e suburbanas; calçamento das principais ruas e avenidas... Mas essas reformas acabaram por desencadear um outro processo, o de como as pessoas viam essas modificações e de como se relacionavam com elas. A autora, então, chama atenção às diversas falas em torno da cidade neste momento. Falas de louvor à esse movimento de urbanização da cidade, bem como falas de angústia com esse processo de rompimento de lugares estabelecidos, de desterritorialização dos grupos que compõem aquela sociedade.

Uma representante da angústia vivida pela elite campinense nesse processo de desterritorialização, é Dona Esmeraldina Agra, entrevistada por Cassandra Vêras, que constrói uma imagem saudosista da Campina Grande de outrora.

---

<sup>4</sup> CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXV, nº IV maio de 1964; p. 11.

<sup>5</sup> VÉRAS, Cassandra Carmo de Lima. *O Espelho de Narciso*. Campina Grande, PB, 1988 (monografia de final de curso)

*“(...) Pois bem, além de tudo isso, da rua ser urbanizada com essas árvores, ali, em frente à Livraria Pedrosa tinha o Coreto. Então o Coreto era onde a música, dia de domingo (porque antigamente... vocês são jovens não sabem...), antigamente nas cidades do interior a música 0 não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha diversão – era o que contava, então tinha a Retreta. Eu participei!! Aí então ficava a música do Coreto tocando e as moças ali. As mães ficavam sentadas nas cadeiras nas calçadas, não sabe? E as filhas passeando de braços, moças com moças, pra lá e pra cá e os rapazes em pé, debaixo dos ‘pés-de-figo’. Aí então a Retreta era da casa de Monsenhor Sales – a calçada até cá, no Beco dos Bêbados. A gente voltava antes porque tinha o Coreto ... eram assim as Retretas Tradicionais. Isso era dia de domingo. Agora, todo Carnaval, o Carnaval falado de Campina Grande, que não tem quem possa descrever a beleza do Carnaval, o Corso, também era na Maciel Pinheiro, porque a rua era muito larga e assim o Corso arrodia fazendo o contorno no Coreto.”<sup>6</sup>*

Era um saudosismo que falava de uma cidade que as mãos “tiranias” do Prefeito Vergniaud Wanderley<sup>7</sup> ainda não tinham tocado. Ela mesma diz:

*“(...) Você entenda que eu não sou contra o progresso, tá entendendo? Mas o prefeito devia fazer uma exceção e ouvir o pessoal da cidade, porque a pessoa ser ‘ditador’?! Ser uma ‘mão-de-ferro’?! (...) Tá certo, porque toda cidade deseja o progresso, mas o dever*

<sup>6</sup> Trecho de entrevista concedida por D. Esmeraldina Agra. Citado em: VÉRAS, Cassandra Carmo de Lima. *O Espelho de Narciso*. Campina Grande, PB. 1988 (monografia de final de curso) p. 09.

<sup>7</sup> Vergniaud Wanderley foi prefeito de Campina Grande entre os anos de 1935 – 1937 e 1940 – 1945, e foi considerado “um administrador que pelos seus feitos (e desfeitos) ficou lembrado na história da cidade como o ditador-realizador do milagre arquitetônico que substituiu a imagem provinciana da cidade pela

*do prefeito era ouvir seus assessores e ouvir a opinião pública. Me diga uma coisa: numa cidade só quem pode ditar é o prefeito? Porque a população ajuda com os impostos, com o trabalho, com a indústria, com o comércio, com a vivência, com a sociedade... e essa população não pode viver marginalizada.*"<sup>8</sup>

Mas de que população D. Esmeraldina estava falando? Quem não poderia ser marginalizado? O seu sentimento saudosista não fala de uma cidade vária, mas da cidade de uma elite que vivia confortavelmente instalada na rua Maciel Pinheiro, e que foi desalojada do seu espaço privilegiado. Contudo, a cidade não pode, ou não deveria, ser lida e/ou entendida apenas pelo discurso, ou pelas vivências da elite que a compõe. As pessoas comuns também se inscrevem nesse processo de urbanização porque passou Campina Grande entre as décadas de 1930 e 1940, e também interferem nele.

Este outro olhar sobre a cidade nos é apresentado e problematizado na tese de Doutorado de Fábio Guttemberg Ramos Bezerra de Souza, intitulada "*Cartografias e Imagens da Cidade. Campina Grande (1920-1945)*", recentemente defendida na Unicamp. Neste texto, a preocupação do autor está voltada para a descoberta de como os moradores de Campina Grande usavam os espaços da cidade em suas mais variadas possibilidades: diversão, moradia, andanças... E isso é interessante na medida em que nos permite ver que a cidade é vária e pode ser lida a partir dessa multiplicidade que a constitui. Assim ele recorta seu objeto de estudo:

---

*imagem de urbs moderna, de cidade progressista digna de ser o habitat da classe burguesa.*" (VERAS: 1988: 02)

<sup>8</sup> Trecho de entrevista concedida por D. Esmeraldina Agra. Citado em: VÉRAS, Cassandra Carmo de Lima. *O Espelho de Narciso*. Campina Grande, PB, 1988 (monografia de final de curso) p. 13

*“Interessa-nos os ‘significados culturais diversos e conflitantes que permeavam as práticas sociais’ em Campina Grande no período de 1920-1945; buscamos reconstituir as tensões e experiências que marcaram o advento das instituições e valores modernos. Portanto, diferentemente dos autores que dão ênfase à rede disciplinar, recuperamos as atitudes dos moradores que a rompiam, iam de encontro a ela, ressignificando seus fios e enleios, dando-lhes dimensão polissêmica.”<sup>9</sup>*

Fábio G. de Sousa mostra também como a elite campinense sofreu com esse projeto de cidade moderna tido como revelador de uma pretensa inevitabilidade no processo de desenvolvimento de Campina Grande – vista como uma cidade que tinha em seu destino um futuro promissor. Uma coisa curiosa, e que Fábio G. de Sousa chama atenção, é que em nenhum outro processo de urbanização de que se tem estudos realizados (Paris, Londres, São Paulo, Rio de Janeiro...) a elite sofreu um processo de desterritorialização e de desmantelamento de seus espaços de atuação:

*“No caso de Campina Grande, além das famílias pobres que moravam nos becos, em suas partes centrais e adjacências, tivemos a demolição, em alguns casos de forma deliberadamente arbitrária, de antigos casarões pertencentes a famílias tradicionais da cidade e armazéns e prédios de grandes comerciantes e novos ricos.”<sup>10</sup>*

<sup>9</sup> SOUSA, F. G. R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade. Campina Grande (1920-1945)*. Tese de Doutorado. Unicamp, Março de 2001: p. 09.

<sup>10</sup> SOUSA, F. G. R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade. Campina Grande (1920-1945)*. Tese de Doutorado. Unicamp, Março de 2001: p. 296.

Para além da possibilidade de percepção da multiplicidade de acordes que compõem a cidade como um todo aparentemente harmônico, estas leituras também nos permite ver que a elaboração de uma imagética de cidade progressista desde muito vinha ganhando espaço em Campina Grande. O que nos interessa mostrar é que dentro desse processo de intensas transformações urbanas por que passou Campina Grande na década de 40 do século XX acabou por promover um envolvimento dos letrados e intelectuais na elaboração e realização de projetos para a cidade que viriam, direta ou indiretamente, a promover melhorias para os seus moradores. E de que melhorias estamos falando? Um comércio que se mantenha ativo e próspero, a criação de um parque industrial que se fortalecesse cada vez mais, as políticas de higienização das ruas e da vida das pessoas na cidade ...

Trabalhando sob uma perspectiva de que a imagem da cidade é também construída pelos discursos que sobre ela incidem<sup>11</sup> e que estes discursos não são apenas expressos em sua arquitetura, no traçado de suas ruas, na elegância de sua gente; mas, também, nas falas que incidem sobre ela, que desenham seu corpo e que erotizam sua existência. Criam-se, assim, cidades várias, pois inscrevem nela seus desejos e suas próprias expectativas de progresso e de desenvolvimento, e nem por isso são menores ou menos importantes para o conhecimento dessa cidade. Sendo assim, a minha preocupação volta-se para as falas presentes no *Diário da Borborema* que falam da cidade e que instituem para Campina Grande um lugar de cidade desenvolvida, progressista, tendo o progresso como insígnia do seu futuro,

---

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

uma cidade de homens astutos conscientes de suas necessidades e potencialidades.

O aspecto visual das transformações urbanas vividas por Campina Grande, ou as falas sobre elas que aparecem no jornal, por exemplo, são maneiras distintas de ler a cidade, mas que deixam nela impressas as suas marcas. A escolha de privilegiar o discurso de uma elite letrada que usa o espaço do jornal como lugar de divulgação das suas idéias foi, a meu ver, uma forma de apresentar ao leitor um outro modo de ver e ler o discurso jornalístico. Este, para além de informar, imprime na cidade, seja em suas formas arquitetônicas, ou por campanhas de intervenção nos espaços desta, um modo outro de entendê-la e/ou de fazê-la funcionar. Para tanto, no jornal a imagética de progresso em Campina Grande aparece relacionada a alguns eventos que vão costurar a nossa fala neste capítulo: a construção da Adutora de Boqueirão; a relação da cidade com Juscelino Kubitschek; a edificação do Teatro Municipal; a transferência da sede do DNOCS, ou a sucessão municipal. Campina Grande, então, parece responder a este arquivo de imagens que a institui como moderna, que faz juz a imagem de desenvolvimento a ela atribuída.

A busca frenética por criar um novo lugar para si, uma nova maneira de experimentar e se inserir no mundo, foi, de certa forma, o que mobilizou os campinenses para promover discussões e intervenções que pudessem tornar concretas essas expectativas, esses desejos de progresso. Em seu trabalho

Alarcon Agra do Ó<sup>12</sup> nos apresenta a confluência de vários projetos educacionais que encontraram em Campina Grande um espaço de efetivação. Emergiram, assim, na década de 1950, como afirma o autor, vários projetos de conformação dos caminhos que a cidade deveria trilhar, dando espaço também para vários sonhos de disciplinarização dos espaços e da vida na cidade.

Um dos problemas que se mostrava crucial em Campina Grande, sendo um grande empecilho para que esta conseguisse continuar seu crescimento de forma a atender as necessidades da cidade e de seus moradores, era o problema da seca, de um precário abastecimento de água.

Em Campina Grande, esteve no dia 23 de Abril de 1958, o senador Ruy Carneiro em nome do Governo Central. Veio à cidade para tomar ciência dos problemas que a assolavam e tentar encaminhar propostas ao Presidente da República com o intuito de solucioná-los. Em entrevista dada ao *Diário da Borborema*, afirmou:

*“Não vim fazer política e sim examinar pessoalmente a situação dos nossos irmãos flagelados que sofrem os horrores da seca tremenda, verificando, em detalhes, a extensão do flagelo, para que possa melhor trabalhar pelo amparo, junto ao Presidente da República, este homem que acabava de dar uma demonstração cabal do seu maior carinho pela sorte da nossa gente, vindo pessoalmente ao sertão e declarando, como o fez aos flagelados em Souza, que*

---

<sup>12</sup> AGRA DO Ó, A. *O Leito de Procusto: nacional-desenvolvimentismo e educação*. Dissertação de Mestrado, UFPB, 1996, pp. 24-65.

*poderiam ter confiança no amparo que não faltaria por parte do Governo Central da Nação. (...).<sup>13</sup>*

As recorrências à imagem da seca como uma mazela que assola a região e seus municípios, são um instrumento extremamente valioso para aqueles que querem promover sua imagem como bons políticos preocupados com os problemas do Nordeste. Não era diferente com o presidente Juscelino Kubitschek. Para manter sua imagem de político atuante, buscava conhecer os problemas das mais longínquas regiões do país, e lutava para empreender medidas que viessem a solucionar esses problemas.

Assim, a discussão em torno da construção da adutora de Boqueirão trazia consigo a elaboração de uma imagem para o governante JK e para a cidade de Campina Grande. Uma cidade que tinha conquistado o estatuto de grande centro comercial algodoeiro na década de 40, Campina Grande dependia de um sistema de abastecimento de água eficaz para que não fosse mais um empecílio ao progresso da cidade. Isso porque ainda era recorrente o debate em torno da industrialização como necessário ao progresso da cidade.

Era necessário, como diz De Decca, em qfffvv“*O Silêncio dos Vencidos*”, que os países periféricos lutassem para combater as “velhas estruturas” que impedem o desenvolvimento – entendendo essas velhas estruturas como sendo os interesses ligados à oligarquia e ao imperialismo. O caráter antiimperialista era uma constante em todas as propostas de estabelecimento de um mercado interno capaz de fazer com que o Brasil fosse inserido no

---

<sup>13</sup> “Ninguém descrê, no Nordeste, da palavra do Presidente Kubitschek.” *Diário da Borborema*, 23 de Abril de 1958, pág. 08; col. 01.



mercado mundial, não somente como importador, mas como exportador de produtos industrializados. O tema da industrialização, como é denominado por De Decca, é apresentado como um instrumento capaz de promover inúmeras melhorias para a vida das pessoas.

*“Querer negar que o desenvolvimento e a consolidação do Parque Industrial Brasileiro concorrem para o aumento da riqueza, prestígio, poder e formação de nossa própria raça, é desconhecer os mais mezinhos princípios da política econômica e social. A grande indústria, por toda a parte do mundo em que se instala, traz como corolário a melhoria dos salários, o barateamento relativo ao produto, o enriquecimento social, e o aumento da capacidade de consumo. Traz ainda mais, com consequência, intensificação das relações comerciais, dos meios de transportes e a marcha vitoriosa da civilização.”<sup>14</sup>*

A não construção da adutora culminaria na impossibilidade de criação de um parque industrial compatível com as possibilidades de uma cidade do porte de Campina Grande, e a não realização de uma série de benefícios que eram apresentados como corolários desse processo. Apesar de não ser o único, o abastecimento d'água é considerado o mais urgente problema da cidade, que impede o seu desenvolvimento. Em uma reportagem sobre a adutora do Boqueirão, o colunista Epitácio Soares afirma que

*“falar sobre o que significa a adutora do Boqueirão para Campina Grande numa hora como esta,*

---

<sup>14</sup> DE DECCA, E. S. 1930. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 162. (Citando SIMONSEN, R. *Orientação Industrial Brasileira*. Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus. 1928.)

*quando a cidade sofre os efeitos de uma sede que vem se tornando crônica, é descrever o martírio de uma população de cerca de cem mil almas lutando bravamente contra a falta d'água que não é um fenômeno apenas dos lares humildes das populações obreiras dos bairros, as mais atingidas pelas suas consequências, porém, que, sobretudo, vem entavando os planos de desenvolvimento da cidade, retardando a sua industrialização, na qual tem de fundamentar-se daqui por diante toda sua estrutura econômica.*

*Possuindo a sensibilidade dos grandes problemas nacionais, e sabendo que todo plano administrativo para ser correto tem de partir da base para a cúpula como acontece em todas as construções, foi que o Presidente Juscelino Kubitschek, desde o seu primeiro contato com Campina Grande, quando ainda candidato à suprema magistratura da nação, percebeu que estava na solução do nosso serviço de abastecimento d'água a chave de todo o progresso campinense.”<sup>15</sup>*

Bastante significativa é a fala de Eptácio Soares, que busca ratificar a imagem de Campina Grande como um centro promissor do interior nordestino, mas que tem o seu processo de industrialização retardado pela escassez de água na cidade. Não obstante, seu discurso prima por reforçar ainda uma imagem recorrente do então Presidente da República: um homem compromissado com os problemas da nação. Mas o que mais nos chama atenção nessa fala, é a imagem de Campina Grande como uma cidade importante e que tem o seu desenvolvimento atravancado pela falta d'água. É

em falas como essas que podemos perceber como o discurso da seca é usado e legitimado como um problema para o progresso da região – ou da cidade<sup>15</sup>.

Durval Muniz<sup>17</sup> mostrou como essa imagem de terra seca e castigada pelo sol, de homens fortes, viris, essencialmente masculinizados, é fruto do discurso de uma elite em decadência sedenta por garantir novos lugares de atuação e de manutenção de seu poder. A proposta de seus trabalhos, portanto, era a de problematizar a abordagem feita por uma historiografia mais tradicional sobre a região<sup>18</sup>. Ele diz que não podemos pensar a região como um dado, porque nem sempre ela existiu; tampouco a seca sempre foi vista como um problema nacional. Em seus trabalhos ele questiona esse discurso tradicional que fala da região como um dado, mostrando como ela foi possível historicamente e como a seca, somente em um dado momento, passou a ser considerada um problema que deveria ganhar a atenção dos órgãos federais. Ele descreve assim sua pretensão:

*“O que faremos neste texto é a história da emergência de um objeto de saber e um espaço de poder: a região Nordeste. O que queremos estudar é como se formulou um arquivo de imagens e enunciados, um estoque de ‘verdades’, uma visibilidade e uma dizibilidade do Nordeste, que direcionam comportamentos e atitudes em relação ao*

---

<sup>15</sup> “Adutora do “Boqueirão”. O DIÁRIO NOS MUNICÍPIOS. *Diário da Borborema*, 23 de Fevereiro de 1958, pág. 03; col. 01.

<sup>16</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Falas de Astúcia e Angústia: a seca no imaginário nordestino*. Mestrado em História, Unicamp, Campinas, 1988.

<sup>17</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Falas de Astúcia e Angústia: a seca no imaginário nordestino*. Mestrado em História, Campinas, Unicamp, 1988; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN/Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 1999; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do “falo”*. [projeto de pesquisa].

<sup>18</sup> OLIVEIRA, F. de. *Elegia para uma Reflexão*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; SILVEIRA, R. M. G. *O Regionalismo Nordestino*. São Paulo: Moderna, 1984.

*nordestino, e dirigem, inclusive, o olhar e a fala da mídia. Como a própria idéia de Nordeste e nordestino impõe uma dada forma de abordagem imagética e discursiva, para falar e mostrar a 'verdadeira' região."*<sup>10</sup>

Esse arquivo de imagens a que se refere Durval Muniz, aciona a imagem da região seca como um problema a ser solucionado. Esse discurso da seca como sendo uma mazela para as populações nordestinas, não foi acionado apenas pelos que vivem na região – seja de seus intelectuais ou o agricultor que dependia das chuvas para que sua plantação vingasse. Na verdade foi um discurso que ultrapassou as fronteiras espaciais do Nordeste e ganhou visibilidade em todo o território nacional. Uma imagem muito bem consolidada que deu credibilidade aos discursos daqueles que visavam tirar proveito da situação “calamitosa” por que passavam os municípios da região. Mas essa imagem ganhou espaço na literatura, na música, no teatro, no cinema... Enfim, foram vários os espaços de produção dessa imagética da região, como bem discute Durval Muniz em seu livro *“A Invenção do Nordeste e outras Artes”*.

*“No Nordeste, particularmente, além da crise conjuntural da economia brasileira, sofremos o doloroso transe da seca, uma das mais trágicas secas deste meio século. Liquidaram-se as pequenas economias regionais com base da exploração lavoureira e na pecuária.*

*Em nossa cidade, pulverizaram-se as esperanças de um surto industrial que se prognosticava*

---

<sup>10</sup> ALBUQUERQUE JR.. Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN/Ed.

*animador. Indústrias tradicionais detiveram sua expansão, algumas outras ficaram paralisadas, enquanto não se instalaram novas fábricas nem novos estabelecimentos de qualquer ramo industrial.”<sup>20</sup>*

Além dos problemas acarretados pelas secas e que impediam o desenvolvimento das indústrias na cidade, emergem falas mostrando a impossibilidade das instalações da Adutora de Boqueirão na supressão das necessidades do abastecimento de água para a grande Campina. Em uma reportagem sobre a rede de água de Campina Grande, escrita pela Construtora Pan-America, LTDA, vemos claramente o discurso que coloca o povo de Campina como tendo exercido um papel importante na campanha da adutora. São falas que mostram como a adutora era considerada imprescindível para o desenvolvimento de Campina Grande, para que esta cidade tivesse um abastecimento de água condizente com a sua condição privilegiada, e que

*“o povo da principal cidade do interior nordestino foi, graças a sua capacidade ímpar de lutar, o grande vencedor, à sua firme deliberação de só sair do campo da luta com os lauréis de uma vitória que era tudo, juntou-se o bom propósito do governador Pedro Gondim tão logo assumiu o comando administrativo paraibano, de também contribuir para que fosse amenizado o suplício de uma gente que pedia pouquíssimo em relação ao que, com o fruto do trabalho, oferece diariamente à Paraíba. E o presidente Juscelino Kubitschek tornou-se a figura central das atenções da administração de toda Campina Grande, que lhe erigiu uma estátua, com*

*aquela atitude de apressar o término de uma obra que aceleraria ainda mais o progresso da 'urbs' que mais cresce em todo o Nordeste. Não fora a canalização de todos os recursos à disposição do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS) pelo Presidente da República e os campinenses ainda se encontrariam sob o signo da sede.”<sup>21</sup>*

A importância de Campina Grande, contudo, não pode ser entendida e conhecida apenas pela sua capacidade de se desenvolver por si só, ou que o abastecimento d'água geraria sozinho um desenvolvimento na cidade; sobretudo, o seu papel e a sua importância são entendidos e ganham visibilidade a partir do momento em que vemos a centralidade que assume no abastecimento e na ligação entre outras importantes cidades interioranas. Em muitos discursos da época vemos emergir falas sobre Campina Grande que a apresentam como uma “cidade satélite” do Recife, e que sua importância está relacionada diretamente à relação que estabelece com esse grande centro nordestino. No entanto, também ganhavam visibilidade, não só no jornal, falas que ovacionavam a posição privilegiada e de grande importância que atribuíam-se à Campina Grande que mesmo sofrendo com a falta de abastecimento d'água, não vê obscurecida a sua imagem de cidade progressista. Falas como a de J. S. Lopes, colunista do *Diário*, que diz que

*“é justo que se saliente que essa cidade [Campina Grande] assume gradativamente, feição diferente, procurando constituir-se em centro de uma constelação de cidades interioranas que lhe recebem*

---

<sup>20</sup> “Confiança para o Futuro”. *Diário da Borborema*, 01 de Janeiro de 1959.

*a influência, não apenas comercial, como institucional, cultural e social.”<sup>22</sup>*

Ou ainda como as do relatório do Serviço Nacional do Comércio (SESC), intitulado *Campina Grande – um centro comercial do Nordeste* do ano 1964, em que aparece assim descrita a situação da cidade no contexto regional:

*“Desta posição intermediária, de contato, não só entre a mata e o sertão, mas entre a mata, os brejos e o sertão, é que adviria a importância regional de Campina Grande. Tal como de forma análoga acontece mais ao sul, com Caruaru, e, na Bahia, com Feira de Santana, pois a vocação dessas cidades de contato é de se tornarem os pontos de convergência das vias de circulação que se dispersam irradiando pela vastidão do sertão, e como pontos de convergência da circulação se firmaram na condição de focos do comércio interno e de toda a vida regional.”<sup>23</sup>*

Vista assim, como centro comercial do Nordeste, como uma cidade que serve como a “porta oriental do sertão”, Campina Grande é considerada como um pólo de irradiação da produção comercial das cidades do interior para os centros litorâneos. O papel comercial de Campina Grande vai sendo incrementado, sendo que inclusive pessoas da própria capital do Estado, João Pessoa, deslocam-se para Campina Grande para fazer compras, dada a grande variedade dos produtos que podem ser ali encontrados.

*“Este comércio campinense que atua em regiões bem distantes é o mais diversificado e especializado,*

<sup>21</sup> “Rede d’água de Campina Grande”. *Diário da Borborema*, 02 de Julho de 1959. pág. 01; col. 01.

<sup>22</sup> “Cidade-Centro”. ENCRUZILHADAS. *Diário da Borborema*, 26 de Março de 1958. pág. 07; col. 06.

<sup>23</sup> SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. *Campina Grande – um centro comercial do Nordeste*. 1964.

*sendo de se notar, o desenvolvimento de certos ramos, como, por exemplo, o de veículos, peças e acessórios, o que é facilmente compreensível, tendo-se em conta a sua posição de ponto de cruzamento de importantes rodovias e porta de entrada para o sertão paraibano e potiguar e também o sul do Ceará e do Piauí, para quem vem do leste, de Recife.”<sup>24</sup>*

Podemos ver como as falas de reafirmação da posição privilegiada de Campina Grande vão se sucedendo e dando contornos ao corpo e a imagem da cidade. Vista como “o maior empório comercial da região Nordeste depois do Recife, Campina Grande, ocupa lugar privilegiado entre todas as cidades brasileiras, sendo o seu nome, hoje, sinônimo de progresso urbano e um exemplo vivo da real capacidade de realização dos nordestinos.”<sup>25</sup> Discursos e imagens são acionados para dar corpo, delimitar as fronteiras de uma cidade que vai se afirmando como centro irradiador da economia nordestina; mas, por outro lado, como dito anteriormente, também foco de influências culturais, institucionais para as cidades circunvizinhas. Campina Grande é vista como um importante centro de comunicação entre as cidades interioranas do Polígono das Secas.

Foi a importância dada pelo *Diário da Borborema* ao papel desempenhado pelo Presidente da República na construção da Adutora que nos chamou atenção para a relação de proximidade entre ele e Campina Grande. Mas como explicar o interesse de Juscelino Kubitschek por uma

---

<sup>24</sup> CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXV, n.º IV maio de 1964. pág. 424.



cidade do interior paraibano. Alguns discursos no *Diário da Borborema* dizem que a simpatia de JK pela cidade é fruto do compromisso do governante em conhecer e solucionar os entraves ao progresso em todas as regiões do país. Uma simpatia que acontecia também com o ex-Presidente Getúlio Vargas, mas com algumas diferenças, como as que apresenta esse jornalista que diz:

*“... vem o presidente Juscelino prestando uma série de relevantes serviços à terra paraibana, sendo a sua simpatia pelos nossos problemas de tal modo expressiva que se confunde em muitos casos com a simpatia de alguns dos melhores e mais dedicados filhos da Paraíba.*

*(...) Campina Grande, especialmente, tem sido a grande beneficiada do Governo Kubitschek. Aí estão as obras da adutora de Boqueirão, de Cabaceiras para atestar o que afirmamos. A pavimentação do Aeroporto é outro fato que comprova a dedicação do Presidente da República pela nossa terra.”<sup>28</sup>*

Essa “amizade” entre o presidente Kubitschek e Campina Grande foi relacionada de pronto com o empenho do governante na construção de um abastecimento d’água que fosse compatível com o progresso da cidade. Arrisco-me a afirmar que o interesse de JK por Campina Grande estaria no fato de esta cidade ser um centro importante para o seu projeto de criar “artérias” rodoviárias que estabeleceriam a ligação da Nova Capital com todas as regiões do país. Sendo centro comercial do Nordeste, Campina Grande já dispunha de

<sup>25</sup> CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXV, n<sup>o</sup> IV maio de 1964. pág. 449.

<sup>26</sup> “Juscelino e a Paraíba”. *Diário da Borborema*, 22 de Março de 1958. Mais referências sobre a relação entre JK e Campina Grande, ver: J. Fernandes Dantas. “Daqui, Dali, Dacolá – JK e os campinenses” *Diário da Borborema*, 03 de Abril de 1958.

muitas estradas de rodagem fundamentais para que se pudesse pôr em prática uma das metas do programa de governo do então Presidente da República.

O que importa dizer por hora é que Campina Grande sentiu-se honrada pela atenção recebida do sr. Juscelino Kubitschek, e se dedicou a criar para a cidade uma imagem de importância regional, e ao presidente a recorrente imagem de um homem que ultrapassa as fronteiras das paredes de seu gabinete, indo de encontro às mazelas que assolam o país.

Foi no dia 08 de Janeiro de 1958 que teve início a campanha para a ereção de uma estátua do Presidente da República a ser inaugurada no dia em que também o fosse a adutora de Boqueirão. Na ocasião disse o industrial Alvino Pimentel, que

*“o povo de Campina Grande não poderia encontrar melhor maneira de testemunhar ao Chefe da Nação e seu grande amigo, o seu reconhecimento e a sua gratidão do que organizada uma Comissão Central de Contribuições, da qual deverá tomar parte as diversas figuras de projeção do nosso meio, devendo, inclusive, ser feito, concomitantemente, uma Campanha de caráter popular e outra escolar.”<sup>27</sup>*

Os elogios a tal campanha e o reconhecimento da sua importância como forma de agradecer ao Presidente da República os serviços prestados à Paraíba não cessam aí. No dia seguinte, 10 de Janeiro de 1958, vê-se publicada uma reportagem que inicia-se assim:

---

<sup>27</sup> “Lançada ontem a Campanha para a ereção da estátua de Juscelino” *Diário da Borborema*, 09 de Janeiro de 1958.

*“A idéia da feitura de uma estátua do Presidente Kubitschek, a ser levantada numa das praças de Campina Grande, através da qual o povo campinense perpetui (sic) o seu agradecimento e a sua gratidão ao seu grande benfeitor, está tomando conta de todas as classes sociais do nosso município, no seio das quais a campanha para arregimentação do numerário está encontrando maior receptividade.”<sup>28</sup>*

É nesse clima de euforia que tem início a campanha. Uma euforia que, se não é, deveria ser geral; já que todos os campinenses estariam sendo beneficiados com o novo abastecimento de água. Mas, segundo uma fala do jornalista Lopes de Andrade, existem alguns “golpistas” que querem desautorizar ou minimizar a importância da homenagem que se deseja prestar a Kubitschek. Ele afirma que,

*“um pobre ‘golpista’, daqueles que ainda guardam os rancores da última campanha eleitoral para Presidente da República, dizia-me outro dia que não estava de acordo com a homenagem que Campina Grande vai prestar ao sr. Kubitschek, erigindo-lhe a estátua em praça pública, porque o Presidente não fez mais do que cumprir o seu dever, gastando cerca de duzentos milhões de cruzeiros com o nosso abastecimento d’água.”<sup>29</sup>*

Parece, no entanto, que mesmo alguns meses depois de lançada a Campanha e, desta ter obtido ares de pleno êxito, ainda persistiam vozes que se contrapunham a tal homenagem desejada pelos campinenses. Numa das

<sup>28</sup> “Cinquenta mil cruzeiros para a ereção da estátua de JK” *Diário da Borborema*, 10 de Janeiro de 1958.

<sup>29</sup> Lopes de Andrade – HOMENS E FATOS - “Golpismo” e Estátua” *Diário da Borborema*. 08 de Fevereiro de 1958.

cartas escritas a Alexandre<sup>30</sup>, Cristino Pimentel faz menção a uma dessas vozes dizendo:

*“O presidente Juscelino, queiram ou não queiram os politiqueros piúna do interior, magaréfes do povo em tempo de eleição, virá inaugurar a sua obra em Campina Grande, e nós, os campinenses, e os nômadés, e os forasteiros que aqui se instalaram e constituíram família e concorrem para o progresso comercial, industrial e cultural da cidade, sentir-se-ão contentíssimos e compensados, e retribuirão a bondade do Presidente da República com seu aperto de mão leal.*

*Façamos ala para passar o Presidente Juscelino Kubitschek, que merece toda uma Aleluia, e fechemos os nossos rostos aos mandriões da política profissional, que estão tentando empanar o brilho da ‘festa da água’, fazendo de um gesto de coração e dever um caso de politiquice.”<sup>31</sup>*

No entanto, mesmo com vozes ecoando contrárias à homenagem, ela se fez. O leitor deve estar se perguntando o porque de não haver lugar nesse texto para essas vozes de contraposição. Aí fica registrada uma das impossibilidades colocadas para o nosso trabalho, já que essas vozes em nenhum momento aparecem no jornal. Elas ganham visibilidade apenas a partir dos discursos de jornalistas e cronistas que as classificam como sinal de atraso, de espíritos que não conseguem entender que a homenagem deve ser prestada ao Presidente JK

---

<sup>30</sup> Cristino Pimentel criou um personagem fictício chamado Alexandre para dialogar sobre polêmicas que envolviam a vida em Campina Grande.

<sup>31</sup> Cristino Pimentel – “Carta a Alexandre (VII)” *Diário da Borborema*, 27 de Agosto de 1958.

em agradecimento ao seu empenho em sanar o problema do abastecimento de água nesta cidade.

Sendo assim, A estátua do presidente Kubitschek foi erguida e inaugurada no mesmo dia em que Campina Grande foi beneficiada com a adutora de Roqueirão. Na cerimônia de inauguração do novo abastecimento de água Juscelino falou:

*“Na hora em que eu tiver de prestar contas à minha consciência, o que poderei alegar de mais convincente em minha defesa é que fui um Presidente que amou o tão esquecido interior do seu País.”<sup>32</sup>*

É exatamente em nome desse amor que JK justifica o investimento na construção da Adutora, e mais à frente em sua fala, também justifica o empenho na construção de Brasília. Esta seria o espelho para as gerações vindouras de que a audácia e a confiança de um governante, com o apoio de seu povo, conseguiu vencer aqueles que temiam dar um passo tão grande e talvez por isso tão próspero para a história do Brasil, na medida em que se constituiu como um marco.

Assim se justificaria o interesse de JK por Campina Grande. Esta cidade representaria a modernidade que o Presidente quer instituir como característica para o Brasil, sem mencionar o fato de que esta cidade estava localizada no interior de uma região considerada prejudicada pelas estiagens – a região Nordeste. Era essa representação de modernidade que era atribuída a

---

<sup>32</sup> “Da água nasceu uma estátua” – Revista “O Cruzeiro”, 20 de Dezembro de 1958.

Campina Grande que chamou atenção de JK. Seria o espaço propício para a divulgação de suas idéias, já que as pessoas participavam da necessidade de edificação de uma imagem de cidade moderna, além do que o reconhecimento de que o Presidente Juscelino Kubitschek representaria também um ideal de modernidade num projeto que se desencadeava nacionalmente.

No entanto, não podemos atribuir apenas a construção da adutora de Boqueirão, nem tampouco a sua posição privilegiada de centro comercial, o estatuto de caracteres representantes do progresso que vivia a cidade. Outros são os ícones de modernidade e de progresso apresentados como símbolos do crescimento e do desenvolvimento da cidade de Campina Grande na década de 50.

No ano de 1959 ganha espaço na cidade um debate importante sobre a transferência da administração central do DNOCS do Rio de Janeiro para Campina Grande. A importância de sediar uma instituição como o DNOCS é crucial para uma cidade que sofre com a falta d'água, como é o caso de Campina. O DNOCS era um órgão que funcionava como um elo de comunicação entre JK e os campinenses, na medida em que seus técnicos faziam constantes visitas para elaborar estratégias de intervenção ou supervisionar o andamento das obras da Adutora.

Sendo reconhecida sua importância para Campina Grande, e tendo esta perdido a oportunidade de sediar outras importantes instituições para a região, como o Banco do Nordeste do Brasil, e ainda estava incerta a construção de uma refinaria da PETROBRÁS em Cabedelo fazia-se necessário

emprender uma campanha em prol de Campina Grande. Por fim, chega-se a questionar se é do destino dessa terra perder as várias oportunidades de sediar importantes instituições para o desenvolvimento da região. Sendo assim, o jornalista E. Lira, afirma que

*“urge que se lute, agora com redobradas forças, para que o DNOCS se transfira para Campina Grande, praticamente o ponto geocêntrico do Polígono das Secas.*

*Seriam milhões ou bilhões de cruzeiros a circularem diretamente da Paraíba para o resto do Nordeste; seria a construção, em nossa cidade, de amplas instalações para os diversos serviços do Departamento; seria Campina Grande tornar-se cada vez mais conhecida como centro de irradiação de providências e serviços de elevado alcance econômico para uma imensa área de nosso país, seria, ademais, apreciável contingente de material humano, constituído de funcionários e técnicos de todos os ramos, influenciando nos destinos sociais e culturais da cidade e da Paraíba.”<sup>33</sup>*

Dando continuidade à sua fala, o jornalista chama atenção à necessidade de que haja um empenho de toda a bancada paraibana na Câmara, bem como do Governador Pedro Gondim e do Prefeito de Campina Grande, Elpídio de Almeida para que a transferência venha a ser concretizada.

Contudo não é só de um sistema de abastecimento de água, ou de uma instituição que viabilizasse tais obras que Campina Grande carecia. Como dito anteriormente, os problemas com a falta de água não desacreditavam a

imagem da Campina Grande moderna. Sendo assim, uma urbe progressista, com espaços e pessoas disciplinarizados, carecia de um local onde espetáculos de boa qualidade pudessem ser assistidos.

Mais um signo é erguido pelos discursos da elite campinense como símbolo da modernidade por que passava a cidade: a construção do Teatro Municipal. Visto por alguns como uma obra desnecessária e fútil, a construção do Teatro Municipal aparece como sendo a possibilidade do prefeito Elpídio de Almeida sagrar sua administração com uma obra que julgava de extrema importância para que Campina Grande firmasse também a sua posição de pioneirismo e de importância no cenário cultural nordestino. Em sua coluna intitulada *Instantâneos da Cidade*, Epitácio Soares chama atenção à importância da construção do teatro para que seja mais uma vez afirmada a condição de *urbs* desenvolvida atribuída a Campina Grande. Destaco aqui duas falas desse jornalista que demonstram esse caráter de inovação e de necessidade atribuídos a tal obra.

*“No início tudo fazia crer que o teatro seria a Brasília do sr. Elpídio de Almeida, tão animado se encontrava o ilustre chefe da edilidade campinense, em realizar essa monumental obra arquitetônica que iria sagrar sua administração perante os posterios. (...) Ademais é preciso que se diga, o teatro municipal não é um luxo como pretende o nosso amigo Raymundo Asfora, mas uma necessidade oriunda do desenvolvimento cultural de Campina Grande.”<sup>34</sup>*

E diz mais,

---

<sup>34</sup> “DNOCS para Campina Grande”. *Diário da Borborema*, 03 de Janeiro de 1959, pág. 03; col. 01.



*“Porque não temos ainda um teatro e os cinemas com as suas novas telas panorâmicas não oferecem condições para encenações teatrais, Campina Grande tem deixado de receber a visita de grandes companhias em excursão pelo Nordeste. (...) No dia em que tivermos uma casa para encenação de peças, não resta dúvida que teremos também entre nós as melhores Companhias do Brasil, pois Campina Grande já tem para isso um público apreciável, formado pela sua elite intelectual que não é assim tão pequena como se pensa.”<sup>35</sup>*

Enquanto o debate em torno da viabilidade e da importância ou não da construção do teatro para Campina Grande ganhava vulto, acreditava-se que a cidade perdia muito sem possuir um espaço privilegiado para a execução de peças teatrais, em que sua elite letrada pudesse se divertir e se instruir ao mesmo tempo.

São várias as reportagens que se seguem mostrando o caráter de importância, e a postura ambígua do prefeito Elpídio de Almeida com relação ao assunto. A ambigüidade da postura assumida pelo prefeito está no fato dele oscilar entre a construção ou não do Teatro Municipal. Ele chegou a mandar elaborar uma planta da “vultosa” obra no Rio de Janeiro, como aparece em fala do *Diário*. No entanto, como toda obra que despende muito dinheiro, teria suscitado vozes de reprovação ao Teatro Municipal, e isso o teria feito desistir do empreendimento.

---

<sup>34</sup> “Instantâneos da Cidade”. *Diário da Borborêma*, 10 de Janeiro de 1959. pág. 07; col. 03.

<sup>35</sup> “Instantâneos da Cidade”. *Diário da Borborêma*, 29 de Abril de 1959, pág. 07; col. 03.

Na verdade ele se afirma uma pessoa com o mesmo espírito empreendedor do Presidente da República, e não gostaria de dar início a uma vultuosa obra como esta em seu governo, e deixar para que seu sucessor a inaugure. No entanto, acreditava-se que não haveria nenhum demérito ao prefeito, já que jamais se poderia negar que a idéia teria nascido em seu governo. Havia propostas de que a obra fosse inaugurada no ano de 1964 quando das festas de comemoração do centenário da cidade.

Ao utilizar várias falas do *Diário da Borborema* como fonte para essa pesquisa, proponho ao leitor retomar um ponto da discussão feita na introdução deste trabalho em que me refiro à importância do jornal e o seu papel como sendo um espaço de intervenção na sociedade campinense de outrora. É do compromisso que Campina Grande assume com sua imprensa que, em parte, garante sua liderança e importância regionais.

Um compromisso que aparece ovacionado em vários discursos recorrentes no *Diário*. No entanto, destaco aqui, apenas um trecho que julgo ser mais significativo para falar dessa relação entre os campinenses e o seu órgão de imprensa em questão, o *Diário da Borborema*. São poucas as cidades nordestinas que possuem um jornal diário de qualidade e mais três estações de rádio. Este acaba por ser mais um aspecto do destacado desenvolvimento da cidade e de sua importância para a região como um todo. Em várias reportagens do *Diário*, a importância deste é destacada para o desenvolvimento da cidade, dentre elas uma que destaco em que se afirma que

*“a tradição da imprensa em Campina Grande não é de pouco tempo. Sempre houve lutadores das bravas lides do jornal nesta cidade. Faltava apenas a consolidação de uma empresa, como a do ‘Diário da Borborema’, que assegurasse a manutenção de um jornal diário, de boa função, instituído para ser um legítimo órgão do pensamento e das aspirações da cidade.”<sup>36</sup>*

O jornal, então, ganha uma visibilidade tal que lhe confere o *status* não apenas de um veículo de informação de qualidade. A imagem construída pelo e para o jornal, é de que ele é um símbolo da modernidade campinense. Uma modernidade que se evidencia pelo desenvolvimento da cidade, em todos os aspectos já mencionados aqui, e tantos outros, além do fato de possuir um jornal diário do gabarito do *Diário da Borborema*, que se propõe a ser o mais abrangente possível, não falando apenas para uma elite, mas levando as informações e a sua contribuição cultural para todos os grupos que compunham a sociedade campinense de então.

O seu papel é definido assim pelo jornalista J. S. Lopes:

*“As emissoras ‘associadas’, bem como este jornal, ainda em sua infância, mas já ocupando na cidade uma posição nítida, estão contribuindo para se formar aqui a nossa própria opinião, pelo debate dos problemas locais e, principalmente, pelo estímulo às forças mais atuantes das camadas que dirigem.”<sup>37</sup>*

Sendo um foco formador de opinião, e de conscientização do papel de Campina Grande para o desenvolvimento da região Nordeste, o *Diário* assume

---

<sup>36</sup> “A Cidade e sua Imprensa”. *Diário da Borborema*, 18 de Abril de 1959, pág. 02; col. 01.

uma posição privilegiada e de grande visibilidade para a elite campinense. Esteve à sua frente o então Senador Assis Chateaubriand, que defendia o governo democrático, nacionalista e empreendedor de Kubitschek. E que acreditava que o nosso nacionalismo, era aquele que primava, acima de tudo, pelo cumprimento dos sonhos e destinos do país.

Uma forma clara de demonstrar a importância do jornal e o seu lugar de formador da opinião dos campinenses, é quando nos defrontamos com o momento em que as falas sobre a sucessão municipal começam a aparecer. Os debates vão fazer fervilhar os projetos de cidade e as estratégias para viabilizar o desenvolvimento e o progresso campinenses.

Durante o ano de 1959, fervilham no jornal reportagens, programas eleitorais que refletem um pouco do modelo de cidade que cada candidato representa ou defende, e que medidas ele pretende tomar para que esse modelo, esse projeto de *urbs* moderna seja posto em prática. A grande disputa se dá em torno de duas candidaturas, a de Newton Rique e a de Severino Cabral. Newton Rique simboliza essa fome pela mudança, pelo moderno. Enquanto que Severino Cabral representaria uma certa oligarquia que buscava encontrar novas formas para exercer seu poder.

As falas que aparecem no *Diário da Borborema* inscrevem Newton Rique como um personagem que corporificaria os sonhos de modernidade e progresso que se alentavam em Campina Grande. Seu programa de governo

---

<sup>37</sup> "Cidade-Centro". ENCRUZILHADAS. *Diário da Borborema*, 26 de Março de 1958. pág. 07; col. 06.

faria vir à tona um modelo de urbe moderna que parecia congregar os interesses dos moradores de Campina Grande.

Um trabalho que menciona a importância do projeto de cidade proposto por Rique, e que aparece escrito em um documento intitulado *Revolução da Prosperidade*, é “O Leito de Procusto”, Alarcon Agra do Ó<sup>38</sup>. Neste trabalho, embora a preocupação não esteja em falar do caráter de modernidade em Campina Grande no final da década de 50, no segundo capítulo, *Das Molduras*, o autor trabalha com essas categorias mais gerais que envolvem uma discussão em torno da modernidade e dos projetos que envolviam essa vivência da cidade de Campina Grande, bem como a recuperação de alguns discursos, algumas falas sobre a cidade. Nestas falas o crescimento da cidade era uma premissa necessária, já que a sucessão pressupunha a eleição de um prefeito que conseguisse responder às expectativas dos moradores de Campina Grande com relação ao tão esperado desenvolvimento.

*“O crescimento da cidade era, como fez ver o Diário da Borborema na edição de primeiro de janeiro de 1959, incontrolável. Cabia apenas saber aproveitá-lo, direcioná-lo, providenciando para que determinadas carências fossem supridas e tudo pudesse seguir seu curso natural.”<sup>39</sup>*

No entanto, nesse processo nos é interessante ressaltar o caráter de novidade dessa eleição em Campina Grande. Não mais estava-se diante de uma cidade em vias de crescimento; não mais haveria que existir pessoas dispostas a apenas investir seus capitais no comércio municipal. Campina

<sup>38</sup> AGRA DO Ó. Alarcon. *O Leito de Procusto*. 1996 (dissertação de mestrado)

Grande precisava, sim, de um administrador capaz de gerir a cidade de tal forma que pudesse resolver os problemas que a assolavam nesse momento, problemas de uma grande cidade. Os campinenses viram as várias modificações ocorridas até então, e que proporcionaram um crescimento considerável na cidade. No entanto, um crescimento acelerado traz consigo vários problemas que iam se acumulando na medida em que não se dava a eles a devida importância. Assim, acreditava-se que o prefeito a ser eleito deveria ser uma pessoa capaz de guiar com energia e segurança as rédeas da cidade para fazê-la progredir. No *Diário* uma voz afirmava que:

*“Enquanto o problema era movimentar dinheiro e fazê-lo render, em proveito próprio e, indiretamente, no da coletividade, os velhos capitães do progresso de Campina Grande caminharam à frente, audazes e itimoratos. Mas a cidade cresceu desmedidamente, criaram-se os problemas de organização: educação, saúde, urbanização, intercâmbio rural-urbano, abastecimento, serviços essenciais de água, luz e esgotos e uma infinidade de outros mais.”<sup>40</sup>*

Os candidatos, portanto, deveriam responder ao requisito principal de ser capaz de efetivar uma administração pública que possibilitasse a resolução de, senão todos ao menos boa parte desses problemas porque passava a cidade. O próprio falar de uma cidade que vive hoje problemas que somente as grandes cidades urbanizadas e modernas têm, já conferem a Campina Grande um estatuto de *urbs* moderna.

<sup>39</sup> AGRA DO Ó, Alarcon. *O Leito de Procasto*, 1996 (dissertação de mestrado) p. 42.

<sup>40</sup> “Sucessão Municipal”, *Diário da Borborema*, 17 de Fevereiro de 1959, pág. 02; col. 01.

As falas que dão forma a cidade dizem de um projeto que ultrapassa as suas próprias fronteiras espaciais. Os moradores de Campina Grande tomaram para si um modelo de civilidade, de urbanização, de modernidade que são próprios de um discurso que fervilha no debate em torno do nacional-desenvolvimentismo – bandeira erguida por Juscelino Kubitschek desde sua campanha para a eleição presidencial. O ser cidade, viver a cidade em Campina Grande, é também uma resposta a um processo que vem se desencadeando em torno da construção de uma “cidade-modelo” que é Brasília. A edificação de uma cidade no interior do país, que passaria a ser o centro das decisões nacionais instituía para as cidades interioranas uma relação com a Nova Capital. Afinal, as cidades interioranas eram também parte do território nacional, e interessadas em dar sua parcela de contribuição para o projeto de desenvolvimento desencadeado pelo Plano de Metas de JK. Como o próprio presidente afirmou no momento da inauguração da Adutora de Boqueirão o seu amor e a importância dada por ele às cidades do interior do país.

Sendo assim, o projeto de modernidade de que se fala em Campina Grande, que apresentadas pelos jornalistas ou pelos candidatos à sucessão municipal, reflete um pouco desse modelo de *urbs* moderna, simbolizada por Brasília, que acaba se tornando um símbolo do início de um novo momento da história do Brasil. O governo JK, na verdade, ergue para si uma bandeira de nacionalismo e de desenvolvimentismo que contagia toda a nação. Muito embora seja um programa de governo por demais abrangente, contagia as diversas cidades com as suas propostas de desenvolvimento, e os caminhos

que devem ser seguidos para que uma cidade consiga dar a sua parcela de contribuição para o desenvolvimento do país como um todo.

No entanto, o imaginário que é criado em torno da figura de Kubitschek como empreendedor, e de seu governo como um marco na história do país em termos de acionar as engrenagens necessárias para que o Brasil desse, finalmente, início ao seu processo de desenvolvimento, aparecem nos textos do *Diário*. É dentro dessa discussão que aparece a preocupação que norteia a escritura do capítulo seguinte. No entanto, não só a legitimidade e a elaboração de uma imagem positiva para JK, mas como seus empreendimentos ressoaram para os paraibanos. O capítulo seguinte foi pensado a partir de algumas questões centrais como: como o *Diário da Borborema* fala da construção de Brasília? Qual a importância desse debate para o que está ocorrendo em Campina Grande nesse momento? Como é acionada a imagem da Nova Capital como modelo de *urbs* moderna? Com que interesse as pessoas falam de Brasília? Existe em algum momento a preocupação em trazer para Campina Grande uma imagem daquilo que se quer para a própria cidade, à luz do que está acontecendo no interior do país para a mudança da capital federal? A identificação do teatro municipal como podendo ser a Brasília do governo de Elpídio de Almeida pode ser vista como gratuita?



## CAPÍTULO II

### *Brasília, esperança dos homens do interior?*

Era o ano de 1956, o suicídio do Presidente Getúlio Vargas ainda era uma lembrança viva na memória dos brasileiros. Mas não era só isso, as divisões políticas internas, e o medo de que um novo grupo getulista assumisse o poder tirou o sono de muitos daqueles que, nos últimos anos da década de 50, faziam da política o seu lugar de intervenção. As eleições de 1954 marcavam a emergência da aliança PSD/PTB como sendo forte o bastante para minar a oposição da UDN. Para alguns autores, como Maria Victória Benevides<sup>1</sup>, essa aliança foi um dos principais fatores de garantia da estabilidade política presente no governo JK. Em seu trabalho, ela mostra a importância dessa aliança e também de outros fatores para a garantia de tal estabilidade.

Mesmo após muitas manifestações e estratégias políticas contrárias à sua eleição JK recebe a faixa presidencial aos 31 dias do mês de Janeiro de 1956 – dava-se início, assim, a um governo que se dizia “divisor de águas” na história do Brasil. O Brasil do “antes de JK” era marcado pelo marasmo econômico, e um povo descrente de suas possibilidades; enquanto que o Brasil do “depois de JK” seria confiante, otimista, cioso de sua soberania e consciente do papel que deveria assumir. É claro que esse é um discurso proferido pelo próprio JK e por aqueles que defendem a sua política como

---

<sup>1</sup> BENEVIDES, M. V. de M. *O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

sendo eficaz e legítima para o Brasil de então, e que me parece fundamental para a criação de um arquivo de imagens de um país progressista e em processo de desenvolvimento tão caras ao seu governo.

As propostas nacionalistas e de desenvolvimento encontraram no Brasil dos anos 50 uma atmosfera propícia para a sua proliferação. A crença de que uma forte industrialização<sup>2</sup>, um incremento técnico e científico viria a levar o Brasil a se tornar um dos países desenvolvidos do mundo era uma constante. Na verdade, apenas a tentativa de acabar, ou de entender o subdesenvolvimento do Brasil já era um grande passo no sentido da elaboração de propostas para a efetivação do seu crescimento. Institui-se, então, uma configuração propícia para que a política nacional-desenvolvimentista se efetivasse<sup>3</sup>. Assim o incentivo ao crescimento das indústrias aliado à idéia de que a estabilidade está relacionada a um desenvolvimento econômico, será fundamental para a consolidação da eficácia e da legitimidade do governo JK.

*“Eliminar os obstáculos que retinham o crescimento da produção, acumulação de riquezas e a melhoria da qualidade de vida da população rapidamente converteu-se em obsessão política e, a seguir, em*

<sup>2</sup> A temática da industrialização como modo de promover progresso é bem discutida por Edgar de Decca em “1930. O Silêncio dos Vencidos.” São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>3</sup> Em texto intitulado “O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento”. Benevides fala da importância do vocábulo *desenvolvimentismo* para o período JK, sendo este considerado, inclusive, seu inventor. Em uma passagem do texto ela diz: “Pois foi no governo Kubitschek que se consagrou, definitivamente, o vocábulo ‘desenvolvimentismo’, como já salientou o escritor Antônio Callado. Antes de JK falava-se em ‘fomento’ e em ‘fomentar o desenvolvimento’; Juscelino teria sido o inventor da palavra, cuja mística ficou, na história contemporânea, inarredavelmente vinculada a seu nome. Até hoje, qualquer sinal de ‘modernidade’ ou de ‘espírito realizador’ costuma ser identificado como traço de um ‘juscelinismo’ redivivo.” (p. 09)

BENEVIDES, M. V. de M. “O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento”. In: GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

*programa de governo. Aquele Brasil, de estrutura econômica ainda tenra o bastante para abrigar vãos da imaginação desenvolvimentista, estava pronto para ser modelado.”<sup>4</sup>*

No entanto, não é apenas nacionalmente, ou nas grandes cidades que a política de Juscelino aparece como eficaz e legítima. São várias as vozes que ecoam no *Diário da Borborema*, e que mostram esse aspecto também em Campina Grande<sup>5</sup>, no interior da Paraíba.

*“Entramos assim no ano de 1958, armados das mais felizes disposições para dar ao trabalho produtivo a devida prioridade no plano de nossas preocupações. Nestes dois anos de governo que se vão completar no fim deste mês, o Presidente Kubitschek deu constantes demonstrações de sua superioridade moral, no trato com adversários que não o pouparam com excessos que, fosse outro o temperamento do chefe do governo, teriam produzido conseqüências lamentáveis par a vida do país. Graças à sua serenidade, as paixões foram amainando e hoje o quadro político do Brasil apresenta-se com perspectivas promissoras, acusando crescente consolidação do regime.”<sup>6</sup>*

<sup>4</sup> FARO, C. e SILVA, S. L. Q. “A década de 50 e o Programa de Metas”. In: GOMES, A. C. (org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991, p. 45.

<sup>5</sup> A escolha por Campina Grande, deu-se à facilidade de acesso às fontes para a pesquisa, bem como a importância que essa cidade assume, no final da década de 40 como centro de escoamento de mercadoria, e como ligação do sertão e do litoral nordestinos. Também por já possuir algumas rodovias que a ligavam a importantes capitais nordestinas. Campina Grande assumia um papel privilegiado para o plano de unificação do território nacional de Juscelino Kubitschek. Plano de, a partir de Brasília, criar “artérias” rodoviárias de comunicação entre o Norte e o Sul do país.

Ver: HOLSTON, J. *A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 11-30.

<sup>6</sup> “Sob o Signo da Paz”. *Diário da Borborema*, 01 de Janeiro de 1958, col. 2. pág. 02.

São falas que dizem do papel de JK como grande estadista e que demonstram corroborar com a imagem que se quer criar para esse governo: empreendedor, nacionalista, um “divisor de águas”.

A identificação do governo JK como o marco de uma nova fase da história brasileira não foi apenas utilizada por uma certa historiografia<sup>7</sup>, foi também um instrumento utilizado por homens que viveram aquele momento e que criaram uma imagem positiva para o período. O próprio Kubitschek se dizia o idealizador e, sobretudo, o realizador de uma certa maturidade assumida pelo Brasil após a mudança da Capital Federal. Para ele, era como se pudéssemos afirmar,

*“e com a maior segurança, que o Brasil só se tornou adulto depois da construção de Brasília. Durante toda a sua história – do Descobrimento até o meu governo – vivemos, para aproveitar aqui uma observação do nosso primeiro historiador, Frei Vicente do Salvador, ‘arranhando a areia das praias, como caranguejos’. O litoral foi, de fato, uma monovidência nacional. Vivia-se por ele. Agia-se em função dele. E o que ocorria em relação ao resto do Brasil?”<sup>8</sup>*

Para além das constatações de que o Brasil viveu boa parte de sua história, pelo menos até aquele momento, no e pelo litoral; falas como estas, subrepticamente, mostram a necessidade do “descobrir” e explorar as potencialidades que o interior do país poderia oferecer. Mas os discursos

<sup>7</sup> BENEVIDES, M. V. de M. *O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; SKIDMORE, T. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; NAPOLEÃO, A. *Juscelino: audácia, energia e confiança*. Rio de Janeiro: Bloch, 1988; GOMES, A. C. (org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

proferidos pelo próprio JK, como o citado acima, dizem de um lugar que ele quer instituir para si e para seu governo. No entanto, algumas vozes ecoaram em Campina Grande buscando erigir essa mesma imagem de positividade para o período e para o Presidente: a de audácia e eficácia no exercício de sua função.

*“Os resultados a serem obtidos não podem ser imediatos. Não estamos plantando couves. (...) Dois anos de governo não oferecem ainda perspectiva para o acerto de um julgamento que só será completo e garantido na distância do tempo. Mas o que está feito e o ritmo do que se empreende constituem um penhor de que o quinquênio do sr. Juscelino Kubitschek será os mais fecundos de nossa história republicana.”<sup>8</sup>*

Toda essa expectativa em torno das obras que estavam sendo realizadas pelo então presidente Kubitschek, mostrava que o Brasil realmente estaria vivendo um momento singular de sua história. Momento este em que suas fronteiras seriam alargadas com a ocupação da imensa e rica área de seu território até então inexplorada: o interior. Agora, sim, o Brasil daria início ao processo de interiorização da Capital, uma espécie de “marcha para o Oeste”, que levaria ao conhecimento das potencialidades do país, e a sua inserção num mercado mundial cada dia mais competitivo. Desde a década de 30 esse movimento de ocupação do interior do país fazia parte das discussões do então presidente Getúlio Vargas. Muito embora, em 1937, Vargas tenha

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, J. K. de. *Porque Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975; p. 11.

<sup>9</sup> “Dois anos de governo” – *Diário da Borborema*, 06 de fevereiro de 1958.

outorgado uma nova Constituição em que fala apenas vagamente sobre esse problema, ele é uma questão em pauta.

*“O legislador parecia não alimentar qualquer entusiasmo pela antiga cruzada [mencionada em 1891 na Carta Magna], muito embora essa atitude se chocasse, mais tarde, com o propósito anunciado pelo chefe do governo, de realizar o que se denominava, então, Marcha para o Oeste. Em 1940, ao lançar esse movimento, Getúlio Vargas declarou em discurso, no dia 7 de Agosto, em Goiânia: ‘O vosso planalto é o miradouro do Brasil. Torna-se imperioso localizar no centro geográfico do país poderosas forças capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura.’”<sup>10</sup>*

Mesmo não tendo sido efetivada por Getúlio Vargas, a interiorização da capital continuava a suscitar discussões. O discurso da geopolítica, mostrando, ou sobretudo, alertando os brasileiros para o fato de que a ocupação da área central do país era um passo imprescindível para o progresso da nação, entra em cena.

*“Na América do Sul, o Brasil possui uma grande área que se pode chamar também de Terra Central, ou Heartland. Essa Terra Central, que pertence integralmente ao Brasil, não está entretanto ocupada pelos brasileiros senão em proporções insignificantes. (...) De modo que do ponto de vista da geopolítica sul-americana, sob o qual devemos encarar a segurança do Estado brasileiro, o que precisamos fazer o quanto antes é realizar a ocupação da nossa Terra Central, mediante a interiorização da Capital, porque esse é o*

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, J. K. de. *Porque Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975: p. 23/24.

meio que **todos** reconhecem como o mais rápido e eficaz para se realizar aquela indispensável ocupação e conseqüente fortalecimento econômico da nação.” (grifos nossos)<sup>11</sup>

Percebemos nessa fala que a discussão sobre a transferência da capital para o interior do país e a necessidade de estar em uma localização tal que funcionasse como um centro irradiador das decisões do país era extremamente recorrente<sup>12</sup>. As teorias geopolíticas deram subsídios para que JK formulasse seus discursos e suas estratégias de tal forma que não deixasse dúvidas acerca da viabilidade e, mais, da necessidade de realização de tal projeto. O trecho do relatório, reproduzido acima, apresenta bem a pretensa urgência do país em executar um projeto a que TODOS<sup>13</sup> conhecem e legitimam como o meio de fortalecer economicamente a Nação. Esses argumentos estiveram presentes no próprio projeto do plano piloto da Nova Capital, apresentado e discutido por James Holston em *A Cidade Modernista – Uma crítica de Brasília e sua utopia*.<sup>14</sup> Brasília, mesmo “utópica” em seu projeto de racionalidade, acaba se tornando uma referência nacional de modelo de cidade moderna a ser seguido.

<sup>11</sup> *Relatório técnico*. Rio de Janeiro, 1948. 1ª Parte, v. I, p. 19-22 (Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital – Presidência). Citado em VESENTINI, J. W. *A Capital da Geopolítica*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1996, p. 63.

<sup>12</sup> Essa imagem de Brasília como centro irradiador é apresentada no texto de James Holston, *A Cidade Modernista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>13</sup> Alguns textos mostram como Brasília vai ganhando visibilidade como um projeto que atenderia às necessidades e às expectativas dos diferentes grupos que compunham a sociedade brasileira. Daí, muitos trabalhos se referirem ao caráter utópico dessa cidade. Onde as lacunas entre o projeto de uma “cidade para todos” e a efetivação desse mesmo projeto em uma cidade com claras segregações e hierarquizações dos espaços são visíveis. Sobre esse aspecto, ver:

HOLSTON, J. *A Cidade Modernista – uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; SILVA, L. S. D. *A Construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia: EDUFG, 1997; VESENTINI, J. W. *A Capital da Geopolítica*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1996; PASTORE, J. *Brasília: a cidade e o homem*. São Paulo: Companhia editora Nacional/EDUSP, 1969; FREYRE, G. *Brasília, Brasil e Brasília*. Rio de Janeiro: Record Editora, 1968.

<sup>14</sup> HOLSTON, J. *A Cidade Modernista – uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Era o início do ano de 1958. O *Diário da Borborema* apresenta em uma reportagem trechos da Mensagem de Ano Bom proferida pelo Presidente da República em que este se refere ao Brasil como uma Nação em formação, que necessita da colaboração de todos, homens e cidades, para promover o seu desenvolvimento. Para Kubitschek era necessário, portanto, que soubéssemos que

*“somos uma nação jovem, que encara o futuro com serena confiança e que não se vê alentada apenas pelo rico impulso vital que a juventude por si mesma trás as Nações como aos homens. (...) A nação está certa de que não ultimou sua emancipação econômica, a dinamização de aproveitamento de suas energias para o pleno aproveitamento de nossas potencialidades, o que não se obterá sem esforço vigoroso, que aglutine uma arrojada ação coletiva do esforço parcial de cada um de nós.”<sup>15</sup>*

Ou seja, cada um tem um papel fundamental a ser desempenhado para dar continuidade ao projeto de desenvolvimentismo do Presidente Kubitschek. E para participar desse projeto seriam incorporadas a esse movimento cidades que poderiam atender às expectativas de crescimento nelas depositadas, cidades consideradas “modernas”.

Campina Grande, era uma cidade assim. Considerada progressista com grande potencial de crescimento, poderia dar a sua parcela de contribuição para a integração e o desenvolvimento nacionais.

---

<sup>15</sup> “Nação Jovem, caminha o Brasil para o futuro a passos resolutos”. *Diário da Borborema*. 01 de Janeiro de 1958.



*“Campina Grande é, no quadro urbano nordestino, um fenômeno que impressiona profundamente aqueles que se interessam, de alguma maneira, pelo estudo do fato urbano no Brasil. Todos são levados a reconhecer que existe algo nesta aglomeração que a distingue das demais cidades da região. Sobressai ela não só pela organização de seu espaço urbano, pois se apresenta como verdadeira urbe, mas, principalmente, no papel que desempenha na vida regional, tendo a si subordinada uma extensa área do interior nordestino.”<sup>16</sup>*

Muito embora esse destaque seja dado a Campina Grande, vários eram os discursos que atribuíam o crescimento desta cidade às relações comerciais que estabelecia com os grandes centros litorâneos. Sendo assim, técnicos do Banco do Nordeste realizaram um estudo nesta cidade, em que Campina Grande aparece descrita como *“uma cidade-satélite do Recife”*. No entanto, o jornalista J. S. Lopes afirma que

*“a observação pode coincidir com as coordenadas de uma situação econômica que situa Campina Grande como ‘centro coletor e distribuidor de bens e serviços produzidos ou importados pelas zonas de sua influência’, como explica o documento a que nos referimos. Mas é justo que se saliente que esta cidade assume gradativamente, feição diferente, procurando constituir-se em centro de uma constelação de cidades interioranas que lhe recebem a influência,*

---

<sup>16</sup> CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXV, nº IV maio de 1964, p. 03.

*não apenas comercial, como institucional, cultural e social.*"<sup>17</sup>

Não há como negar a importância da relação entre Campina Grande e o Recife, por exemplo, para o crescimento daquela cidade. Por outro lado, não se pode desconsiderar a influência – não só econômica – que Campina Grande exerceu sobre cidades circunvizinhas, ou até mesmo de outros estados. Essa influência, dentre outras coisas, garantia o crescimento da cidade e a sua crescente autonomia na região.

*"Atuando em área tão vasta (PB, RN, PE e CE), Campina Grande é realmente o centro vital de grande parte do sertão nordestino, a qual serve das formas mais variadas através das numerosas funções em especial as de distribuição. (...) Campina Grande aparece, então, hoje, em posição estratégica dentro da rede rodo-ferroviária do estado e do próprio Nordeste, sobressaindo logicamente, no quadro urbano nordestino."*<sup>18</sup>

Mesmo que alguns setores de sua economia dependam das relações que esta cidade estabelece com os centros litorâneos, é bastante significativa a presença de várias falas que nos apresentam indícios de que, cada vez mais, Campina Grande vai ganhando autonomia e assumindo uma posição de grande importância regional.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> "Cidade-Centro". ENCRUZILHADAS. *Diário da Borborema*. 26 de Março de 1958.

<sup>18</sup> CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XXV, n<sup>o</sup> IV maio de 1964, p. 25.

<sup>19</sup> SESC – *Campina Grande: um centro comercial do Nordeste*, Relatório do Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC) publicado à ocasião da comemoração do centenário da cidade em 1964.

A nossa preocupação, portanto, está em propor ao leitor uma viagem pela Campina Grande da segunda metade da década de 50, e início da de 60, buscando encontrar nessa cidade, ecos das falas que constróem para Brasília um lugar de símbolo nacional e, ainda mais, de projeto nacional. A nossa intenção é apresentar vários discursos que apareceram no *Diário da Borborema*, e que colocam os moradores de Campina Grande a par das discussões que estão se travando em torno da interiorização da Capital Federal e do projeto de desenvolvimentismo apresentado e levado adiante pelo presidente JK. E mais, que possibilitam que em Campina Grande apareçam indícios de que aqui também se vive um processo de modernização, que possibilitou que esta cidade chamasse a atenção do Presidente da República. O processo de mudança da capital, portanto, foi assim descrito pelo sr. Mendes Souza para o *Diário da Borborema*:

*“Era uma semente lançada na consciência da nação mas faltava alguém com coragem, desassombro e capacidade de lutar para dar início ao revolucionário empreendimento. Essa patriótica tarefa o presidente JK teve a coragem suficiente para levar à frente com o seu ânimo constante de luta e trabalho sob os aplausos de muitos e as reservas dos eternos pessimistas e descrentes.”<sup>20</sup>*

Assim era visto JK pelos campinenses, um homem que mesmo com todas as estratégias empreendidas pela oposição teve coragem de levar adiante o seu programa de governo. No entanto, a fala acima se refere à construção de Brasília como um “revolucionário empreendimento”, que só

não recebe aplausos dos “eternos pessimistas e descrentes”. Se pensarmos no fato de que São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, ou mesmo Campina Grande, sofreram intervenções em sua aparência urbana em nome de um (ou mais) projeto de modernidade, Brasília poderia sim ser considerada um evento “revolucionário”. Isso porque esta cidade foi “racionalmente” pensada e criada no papel, para que depois fossem erguidas as estruturas que a fariam funcionar. Além do que nas demais cidades brasileiras, as reformas urbanas (ocorridas, em sua maioria, no início do século XX) implicavam em um mover-se das pessoas que ali viviam. O reordenar pessoas, moradias, comércio, ruas, espaços de diversão, etc., implicava, em confrontos entre aqueles que promoviam a reforma e os que a “sofriam”.<sup>21</sup> Em Brasília isso não ocorreu, já que a cidade foi erguida num território não habitado, ou melhor, no qual nenhuma cidade existia. Isso, talvez, tenha favorecido a construção da imagem de Brasília como “Capital da Esperança” dos homens do interior, bem como de vitrine do progresso brasileiro para o exterior.

A construção de Brasília, portanto, era um projeto por demais audacioso e trabalhoso para que resultasse da ação de apenas um homem. De Decca discute bem essa necessidade de que a Nação se empenhasse num projeto que traria benefícios a todos – neste caso, o projeto de “revolução democrático-burguesa”. Era preciso que unissem forças, operários e

---

<sup>20</sup> Mendes Souza – “Brasília, esperança dos homens do interior” *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959. p. 03: col. 01.

<sup>21</sup> Na tentativa de “remover as imagens contrastantes com o progresso” que teimavam em existir em Campina Grande, o prefeito Vergniaud Wanderley, nas décadas de 30 e 40 “iniciou a reforma arquitetônica da cidade, começando por obrigar os donos dos prédios da praça da Matriz a regular o alinhamento dos mesmos”; era uma operação de enquadramento da cidade nos moldes do progresso. VÉRAS, C. C. de L. *O Espelho de Narciso*. Monografia de Graduação em História. Campina Grande, UFPB. 1988. p. 11.

camponeses, para combaterem aqueles que se contrapunham ao progresso – aqui entendido como a industrialização – que seriam os interesses da oligarquia e do imperialismo.<sup>22</sup> Fazia-se necessário, portanto, que a nação se envolvesse nesse empreendimento e fizesse dele a sua bandeira. Como mostra o sr. Mendes Souza, Diretor do Banco do Brasil,

*“para que se objetive esse trabalho de tamanha profundidade e de que exige sacrifícios e compreensões do povo, é indispensável que haja um clima de confiança e de paz, afim de que essas oportuníssimas iniciativas não sejam apenas fórmulas ou experiências, mas o resultado de um **planejamento seguro com ampla imagem de êxito**, de forma a proporcionar a prosperidade que os brasileiros tanto esperam e aguardam.”<sup>23</sup> (grifos nossos)*

Um aspecto interessante na fala acima é a necessidade de consagrar Brasília como produto de um planejamento seguro e, como dito acima com imagem de êxito, vitrine do progresso brasileiro para o exterior. O investimento nas propagandas positivas sobre a Nova Capital refletiam em falas como a de Yuri Gagarin, que disse ao ver Brasília:

*“a idéia que tenho, presidente, é a de que estou desembarcando num planeta diferente, que não a Terra.”<sup>24</sup>*

É essa a imagem de êxito que faz com que Brasília, como afirmou Mendes Souza, não seja apenas uma fórmula ou experiência, mas resultado de

<sup>22</sup> De Decca, E. S. 1930. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>23</sup> Mendes Souza - “Brasília, esperança dos homens do interior” *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959: p. 03: col. 01.

um PLANEJAMENTO SEGURO. Desde os fins do século XIX empreende-se um debate em torno da necessidade do planejamento urbano para que as cidades ganhassem ares de modernidade e que atendessem às expectativas de uma elite burguesa que buscava afirmar seu poder e sua forma de ver o mundo. No Brasil, embora tenha se dado um pouco mais tardiamente que na Europa, o debate sobre o planejamento urbano também ocorreu e informou uma série de intervenções nas cidades brasileiras.

Para além da necessidade de dar às cidades brasileiras, ou nordestinas, ares de modernidade, o planejamento também assumia o papel apresentado na fala do sr. Mendes Souza citada acima. Este era uma alternativa encontrada para alertar a população paraibana de que, caso teimem em ecoar vozes contrárias à mudança da Capital, um clima de tensão se formará e impossibilitará a objetivação de um empreendimento que marcará o início de uma nova fase de desenvolvimento para o país. Pelo menos, assim faziam crer aqueles que defendiam a transferência da Capital para o Planalto Central.

Não obstante, o sr. Mendes Souza afirma ainda que

*“as páginas da história humana estão cheias de ensinamentos aos homens que tem capacidade de olhar para o futuro não dando ouvido aos clamores de interesses contrariados e de comodistas que querem gozar a parte boa da vida esquecendo dos seus milhões de irmãos sacrificados e esquecidos na vastidão do nosso território.*”

---

<sup>44</sup> OLIVEIRA, J. K. de. *Porque Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975. p. 11.

*Mas nada detém os idealistas e as obras de construção prosseguem em ritmo acelerado de forma a daqui um ano, no próximo dia 21 de Abril de 1960, a sede do Governo do Brasil estar definitivamente localizada na ultra moderna Brasília... Os que visitam a futura Capital voltam com o entusiasmo e a confiança que os grandes empreendimentos sempre despertam.*

*A construção da Nova Capital, longe dos encantos e fascínios do litoral, significa a redenção de extensas áreas esquecidas e abandonadas possibilitando novos estímulos a milhões de brasileiros de forma a dar-lhes expressão na nossa vida econômica e política.”<sup>25</sup>*

Sua fala menciona o fascínio causado por tamanha construção, a edificação de uma cidade em tempo recorde é por demais ousada para ser desconsiderada ou menosprezada. No entanto, diz que o empenho em fazer da Nova Capital o centro das decisões políticas do país, não está apenas no fato de lhe consagrar o *status* de símbolo nacional mas, sobretudo, de fazer funcionar uma região do país até então inexplorada. E daí para ele Brasília ser a esperança dos homens do interior, a possibilidade desse “outro” Brasil passar a fazer parte da vida nacional, ou melhor, das decisões nacionais. Brasília então “*marcará a grande fase da transformação econômica do Brasil e imortalizará o nome do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.*”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Mendes Souza – “Brasília, esperança dos homens do interior”. *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959; p. 03; col. 01.

<sup>26</sup> Mendes Souza – “Brasília, esperança dos homens do interior”. *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959; p. 03; col. 01.

Não havia dúvida que Juscelino Kubitschek acreditava mesmo nisso. Brasília estaria erguida na data prevista, e com ela o seu nome não como idealizador, mas como realizador de tamanha obra. É no *Livro de Ouro de Brasília* que JK deixa o seu primeiro registro para a cidade:

*“Deste Planalto Central, dessa solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.”<sup>27</sup>*

A segurança e a esperança de que Brasília viesse a deixar de ser um sonho e tornar-se realidade estavam deixando de ser apenas uma utopia idealista, era visível agora, até mesmo aos olhos mais descrentes. Em visita a futura Capital Federal, o deputado Vasconcelos Costa fala da sua impressão a um correspondente do *Diário da Noite* em Brasília. Disse ele que

*“o Presidente Juscelino Kubitschek entrou para a história com a construção de Brasília. Esta cidade não é mais um sonho de estadista com a exata visão da grandeza futura deste país é uma afirmação grandiosa do gênio brasileiro. Brasília é a mais esplêndida realidade de que se pode orgulhar um povo culto e progressista, como o nosso, na sua arrancada irresistível para o mais radioso porvir.”<sup>28</sup>*

Mais do que a realização de uma “grande obra”, Brasília era motivo de orgulho de um povo CULTO e PROGRESSISTA como era o brasileiro. Não apenas

---

<sup>27</sup> OLIVEIRA, J. K. de *Porque Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975, p. 47

<sup>28</sup> “Brasília abre novos campos e turismo para o mundo. Duas coisas fabulosas na atualidade: Roma para quem deseja conhecer o passado, e Brasília para quem deseja sentir o vigor dos tempos modernos e ter uma visão grandiosa do futuro”. *Diário da Borhorema*, 03 de julho de 1959.



um povo que entendia a necessidade de efetivação de tamanho projeto, mas que se reconhecera como culto e progressista, que representaria, ou melhor, corporificaria os ideais que estavam sendo elaborados, ideais de modernidade e progresso. As vozes que ecoavam no *Diário da Borborema* nesse momento, mostram como esse radioso porvir também era uma expectativa aplicável a Campina Grande. Esta cidade também viria a colher os frutos de uma administração como a do presidente Juscelino Kubitschek.

*“Bastou que, um dia, (foi por ocasião da Reunião dos Bispos do Nordeste) a população da cidade houvesse dirigido ao Presidente o seu pedido, para que este como que dissesse: ‘Só isso que vocês querem? Mas não há dúvida! Muito mais merecem vocês que fizeram essa forte expressão de progresso numa cidade nordestina, quase totalmente pelo esforço próprio de vocês, ignorados neste rincão brasileiro, longe das correntes das gestões governamentais.’ E, se assim pensou, melhor agiu.”<sup>29</sup>*

Campina Grande beneficiou-se recebendo, em 1958, a adutora de Boqueirão. Esperava-se, portanto, que esta garantisse o seu abastecimento d'água e que o problema da água não mais impedisse o desenvolvimento da cidade. A carência sofrida pelo Nordeste, tão recorrente nas falas que constróem essa região<sup>30</sup>, e o empenho do Presidente da República em saná-los aparece como um ponto positivo na relação que JK estabelece com Campina Grande. A audácia e a perseverança de Juscelino Kubitschek em levar adiante

<sup>29</sup> “A Estátua do Presidente” *Diário da Borborema*, 12 de Janeiro de 1958, p. 02; col. 01.

<sup>30</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. *Falas de Astúcia e Angústia: a seca no imaginário nordestino*. Mestrado em História, Campinas, Unicamp, 1988

a mudança da capital apareciam como parte de seu espírito empreendedor, e portanto, poderia beneficiar as cidades brasileiras.

*“Se o presidente empenhar-se na batalha da recuperação do Nordeste com o mesmo afã com que vem se empenhando na construção de Brasília, podemos ficar tranquilos que desta vez o plano de desenvolvimento econômico da região irá para frente de vento em pôpa. O sr. Juscelino Kubitschek já provou que é um homem obstinado, não havendo nada que o faça desistir de uma idéia quando se decide por sua objetivação. A própria maneira com que se lançou candidato à presidência da República, enfrentando a maior onda de reação que já se levantou no país contra um candidato, é um atestado eloqüente da obstinação desse extraordinário mineiro de Diamantina.”<sup>31</sup>*

Foi esse caráter empreendedor que contribuiu para que JK tivesse sua imagem relacionada ao processo de desenvolvimento que se propunha para o país. Um processo que atendia a uma série de prerrogativas daquilo que se convencionou chamar, cidade moderna, racionalmente elaborada.<sup>32</sup> E as falas prosseguem, elegendo Brasília como esse marco na história do país, já que significava *“a obra mais corajosa, revolucionária e importante do governo do Presidente JK.”*<sup>33</sup> O Brasil vivia, então, um período de expressivo desenvolvimento econômico, realmente JK estaria fazendo valer seu lema de

<sup>31</sup> “Desenvolvimento do Nordeste III” - DIÁRIO NOS MUNICÍPIOS. *Diário da Borborema*, 16 de Janeiro de 1959, p. 03; col. 01.

<sup>32</sup> Sobre essa discussão em torno de Brasília como sendo um projeto de cidade moderna, de acordo com os padrões defendidos pelo CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, e a inviabilidade de sua realização como se esperava, mostrando sua utopia, ver:

HOLSTON, J. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

campanha, que era fazer o Brasil crescer “50 anos em 5”. Não podemos pensar, no entanto, que somente na década de 50 o Brasil, ou Campina Grande, por exemplo, tenham vivido um processo de desenvolvimento. As décadas de 30 e 40, falando de Campina Grande, especificamente, marcam também um processo de desenvolvimento econômico na cidade<sup>34</sup>.

Assim como em Campina Grande a inauguração do *Diário da Borborema* foi considerada um signo do progresso da cidade, mais uma vez os “Diários e Emissoras Associados” ganham destaque com o lançamento do *Correio Brasiliense*, considerado, como diz a reportagem do *Diário da Borborema*, “o espelho da vida de Brasília”. A solidão do Planalto Central havia sido quebrada com o erguer da Nova Capital – em breve “cérebro das altas decisões nacionais”. O romper dessa solidão seria, nas palavras de um cronista do *Diário da Borborema*,

*“menos tolerável se os habitantes de Brasília não dispusesse (sic) de um jornal diário aqui (em Brasília) composto e impresso, para registrar, hora e hora (sic), todos os detalhes da vida da Nova Capital. Esta será a primeira contribuição dos ‘Diários Associados’ para a obra cidopica (sic) do presidente Juscelino e que está rigorosamente de acordo com o plano traçado pelo embaixador Assis Chateaubriand. (...) Por isso, justifica-se a nossa presença não somente nas capitais das grandes unidades da Federação, às margens ou nas proximidades do*

<sup>33</sup> Mendes Souza - “Brasília, esperança dos homens do interior”, *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959; p. 03; col. 01.

<sup>34</sup> ARANHA, G. B. *O Trem na Paraíba: tramas do político, imagens do moderno, significação cultural (1880-1922)* Projeto de Doutorado, Unicamp, 1995 (mimeo); SOUSA, F. G. R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade. Campina Grande (1920-1945)*. Tese de Doutorado. Unicamp. Março de 2001:

*Atlântico, mas também em cidades como Crato, Teresina, Porto Velho, Goiânia, Santa Maria, Campina Grande e outras.”<sup>35</sup>*

No entanto, é quando a inauguração da Nova Capital se aproxima que as vozes que a desenham, empenham-se em mostrá-la como um projeto que deu certo e que vai ser inaugurado na data prevista por JK. Em uma dessas falas há uma tentativa de apresentar Brasília como um projeto que vai além da satisfação dos interesses de determinados grupos ou mesmo da política em geral, é como se ela estivesse acima de interesses conjunturais e fizesse parte de um projeto nacional suscitado há muito e que, até então, não tinha passado de retórica.

*“Brasília transcende a política partidária e aos interesses de grupos, para situar-se em um plano muito superior, qual seja o dos interesses nacionais tanto no campo da economia, das finanças, como no da arquitetura e urbanismo. Por isto, condeno de plano (sic) todos aqueles que não colocam Brasília neste nível, para situá-la dentro de seus interesses imediatistas – Arquiteto Zenon Lotufo.”<sup>36</sup>*

É quase transparente o objetivo de tais falas em criar para Brasília essa imagem de um empreendimento que não buscaria promover, ou defender, os interesses de grupos da sociedade brasileira, mas que responderia, ou melhor, congregaria os interesses de toda a nação. Quase que uma epopéia da história brasileira.

---

VÉRAS. C. C. de L. *O Espelho de Narciso*. Monografia de Graduação em História. Campina Grande, UFPB. 1988.

<sup>35</sup> “Correio Brasiliense será o espelho da vida de Brasília” *Diário da Borborema*. 20 de Setembro de 1959. p. 03; col. 01.

*“É importante perceber o quanto a construção da nova capital integrava mitos fundadores (o sonho de João Bosco ou o quadrilátero Cruls), ideologias nacionalistas e intentos de adesão à modernidade.”<sup>37</sup>*

Nesta fala o historiador Luís Sérgio Duarte da Silva apresenta como foram selecionados signos de um projeto que vinha sendo protelado há muito, e que em torno dele foi elaborado um grande esquema propagandístico para dar vazão à utopia de Brasília, legitimando o modelo de desenvolvimento que se estabelecia. Brasília era, assim, considerada um empreendimento elaborado como fruto de um planejamento seguro, como dito anteriormente, e que serviu de referência para outras cidades brasileiras. Em Campina Grande, por exemplo, no dia 01 de Abril de 1960, o *Diário* publicou uma reportagem em que se afirma que esta cidade em breve terá seu plano diretor, o que não a deixaria mais “desamparada” de um planejamento, que seria necessário ao seu crescimento.

*“O crescimento dessa cidade está a exigir, sem perda de tempo, que haja uma disciplina. Da maneira como vêm expandindo-se os bairros, com novas ruas sem obediência a determinados fatores de um urbanismo moderno e progressista, arriscar-nos-emos a ter, em futuro próximo, problemas insolúveis de circulação, de localização de indústrias, de falta de local adequado para serviços públicos essenciais como escolas, hospitais, etc. E faltarão praças, pois que nos loteamentos aprovados, na maioria dos*

---

<sup>36</sup> “Brasília transcende à política e aos interesses de grupos” *Diário da Borborema*, 14 de Abril de 1960, p. 07; col. 03.

<sup>37</sup> SILVA, L. S. D. da *A Construção de Brasília – modernidade e periferia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997; p. 61.

*loteamentos aprovados, os terrenos para serventia política não são dos mais amplos.*"<sup>38</sup>

E seguindo sua fala, refere-se às providências que acredita estarem sendo tomadas.

*"Notícia recente dá conta de que o Prefeito Severino Cabral contratou técnicos em urbanismo, para, juntamente com os homens do Departamento recentemente criado [Departamento de Planejamento e Urbanismo], traçarem o Plano da Cidade. Fazemos votos porque o trabalho seja executado e, principalmente, que seja cumprido o plano."*<sup>39</sup>

Mesmo com todo o empenho de técnicos em elaborar um plano diretor para Campina Grande, esta continuaria seu crescimento sem que uma disciplina fosse exigida ou executada. Há registros que ainda em 1962 Campina Grande não via em execução as obras de seu plano diretor, nem mesmo perspectivas de que isso viria a ocorrer.<sup>40</sup> Contudo, ainda que carente de obras que viessem a racionalizar seus espaços e a vida de seus moradores, criou-se para Campina Grande um arquivo de imagens que a consagraram como a "Capital do Sertão Nordestino", dada a sua influência na região e ao seu caráter de modernidade.

Convido o leitor a retornar à fala que deu início a esse sub-item do capítulo<sup>41</sup>. Fala em que o sr. Mendes Souza refere-se à construção de Brasília,

<sup>38</sup> "Plano Diretor" *Diário da Borborema*, 01 de Abril de 1960, p. 02; col. 01.

<sup>39</sup> "Plano Diretor" *Diário da Borborema*, 01 de Abril de 1960, p. 02; col. 01.

<sup>40</sup> SESC – *Campina Grande: um centro comercial do Nordeste*, Relatório do Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC) publicado à ocasião da comemoração do centenário da cidade em 1964.

<sup>41</sup> "Era uma semente lançada na consciência da nação mas faltava alguém com coragem, desassombro e capacidade de lutar para dar início ao revolucionário empreendimento. Essa patriótica tarefa o

e fala dos “eternos pessimistas e descrentes” que não conseguiriam compreender o caráter revolucionário de um empreendimento como a interiorização da Capital Federal. Ganham espaço agora, neste texto, as vozes desses que, para além do deslumbre com tamanha obra, fazem aparecer a preocupação com o ônus que ela viria a significar, e mais, que ela não era um projeto da Nação, mas de um grupo específico, ou mesmo de uma só pessoa, o Presidente Kubitschek.

Uma reportagem publicada pelo jornal *Correio da Manhã*, em que o cronista Cristino Pimentel usa o espaço do jornal para falar do aspecto negativo e da descrença que tem na interiorização da Capital Federal. Suas palavras dão forma a uma imagem que, em nenhum momento, vi aparecer no *Diário da Borborema*. Ele diz,

*“Brasília, meu amigo, é um sonho que pode se transformar em pesadelo. Tudo indica isso. Não tem estradas, nem economia que facilitem aos braços dos trabalhadores chegarem até lá e se sentirem garantidos. Não existe nada do que o conforto e a civilização exigem para se expandir e se tornar a vida contente. Tudo que lá existe é a título precário. Só há de concreto o Palácio da Alvorada e o hotel, ambos em construção distantes da cidade livre, que está servindo de propaganda para o ideal do presidente sonhador, a qual virá a ser u subúrbio de Brasília. Nessa cidade livre tudo é de madeira:*

---

*presidente JK teve a coragem suficiente para levar à frente com o seu ânimo constante de luta e trabalho sob os aplausos de muitos e as reservas dos eternos pessimistas e descrentes.” (Mendes Souza – “Brasília, esperança dos homens do interior” *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959, p. 03: col. 01)*

*agências de bancos, hotéis, casas de mercearias, residências, etc. etc.*"<sup>42</sup>

Para além da sua fala que poderia ser considerada pessimista para uns, e realista para outros, Cristino Pimentel conclui seu diálogo com Alexandre<sup>43</sup> citando um cético visitante de Brasília:

*"Brasília! Que grande mundo!  
Quem te viu não verá mais...  
És como um cheque sem fundo  
Firmado por Satanás."*<sup>44</sup>

A construção da imagem de Brasília enquanto positividade só é possível pela construção de seu contraponto – por exemplo, a imagem do cheque sem fundo descrito na fala acima. É no momento em que se fala das fronteiras, dos limites, do que não deve ser que se constrói o modelo daquilo que deve ser, numa relação de alteridade.<sup>45</sup> Há uma fala de Durval Muniz, no texto "Um Leque que Respira: a questão do objeto em história", que traduz a idéia que quero apresentar. Ele diz que

*"se pensarmos o passado como uma renda, permanentemente retrabalhada, devemos lembrar que não são apenas as linhas, laços e nós, por mais coloridos que sejam, que dão forma ao desenho projetado, são, justamente, os buracos, os vazios, as ausências, que são responsáveis por fazer aparecer com nitidez o que se pretendia fazer."*<sup>46</sup>

<sup>42</sup> Cristino Pimentel – "Um turista sem bandeira" *Correio da Manhã*. 22 de Setembro de 1957.

<sup>43</sup> Cristino Pimentel criou um personagem fictício chamado Alexandre para dialogar sobre polêmicas que envolviam a vida em Campina Grande.

<sup>44</sup> *Um turista sem bandeira* – Cristino Pimentel. *Correio da Manhã*. 22 de Setembro de 1957.

<sup>45</sup> ORTEGA. F. "Autoconstituição do Sujeito" e "O Si mesmo e os Outros" In: *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

<sup>46</sup> ALBUQUERQUE Jr., D. M. de "Um Leque que Respira: a questão do objeto em história" In: PORTOCARRERO. V. e BRANCO, G. C. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU. 2000, p. 123.



Assim, podemos pensar que não são apenas as vozes que falam de Brasília como uma “revolução” na história do Brasil que dão a ela esse tipo de visibilidade. Mas são as “não-falas”, e/ou as falas-limite, de contraposição que contribuem para que esse modelo de positividade seja construído; mesmo porque ele só existe, só foi pensado enquanto contraposição àqueles que desacreditavam o projeto. A necessidade de estabelecer uma fronteira bem definida entre o “lícito” e o “ilícito” fazem das discussões em torno da viabilidade ou não da Nova Capital um território fértil para a elaboração de uma imagem de *urbs* racionalmente elaborada e construída que a ela é atribuída. Uma imagem, aparentemente harmônica, mas que se constitui a partir de vozes dissonantes.

Todo o encanto suscitado por ser visível aos olhos dos mais descrentes o nascer de uma cidade em meio ao deserto, obteve ecos em meio à elite de Campina Grande. Pelas letras do *Diário da Borborema*, noticia-se, em 1957, a apresentação de um “short” em que as pessoas poderiam tomar conhecimento das obras e do seu andamento na Nova Capital. Nessa reportagem, encontramos o deslumbramento em torno da construção de Brasília, sendo encoberto pela preocupação com o ônus que a população vai sofrer para que seja efetivado esse sonho. E mais, um sonho que não é o de toda a sociedade brasileira, como diz o cronista.

*“... a melhor solicitude do Governo central se volta para a construção a todo curso da cidade do planalto goiano, com o que se pensa serão solucionados os mais angustiosos problemas brasileiros. Não resta dúvida de que o espetáculo de uma cidade surgindo*

*em pleno coração do interior brasileiro comove e alegra. Mas o que isto representa de sacrifícios ao povo, através de maciço emprego de dinheiro da Nação nas obras da Nova Capital, não se pode ainda devidamente avaliar. (...) Brasília, porém, vai surgir no meio do deserto e outros bilhões de cruzeiros serão aplicados em encher o vácuo ao seu redor. O que está previsto para a nova cidade, não é tudo o que o país vai despendar para que se concretize o sonho mágico do sr. Juscelino Kubitschek. O futuro nos exigirá muito mais.”<sup>47</sup> (grifos nossos)*

A citação longa se impõe na tentativa de mostrar como a idéia de que o Brasil “vestiu a camisa” da construção de Brasília, e fez dessa a sua bandeira de luta também é tênue, é dissonante. Muitos grupos, sim, vestiram essa camisa e defenderam a interiorização da Capital, no entanto, ecoaram também falas de apreensão ou até mesmo de contraposição a esse empreendimento.

São falas que não questionam a construção de Brasília, como viável ou inviável; a preocupação está na idéia daqueles que defendem a Nova Capital, de que inaugurada Brasília, uma série de problemas brasileiros seriam solucionados. Porque, como bem disse o colunista, não se gasta apenas para construir as estruturas de concreto ou rasgar as artérias de circulação de uma cidade, mas o preenchimento de seus espaços vazios, do entorno, são fundamentais para que a cidade pulse. Questiona-se, portanto, a prioridade atribuída à construção da Nova Capital, em detrimento de verbas para solucionar outros problemas que assolavam o Brasil daquele momento.

Problemas como

---

<sup>47</sup> “Brasília”. *Diário da Barborema*, 27 de Novembro de 1957; pág. 02; col. 01.

*“fontes de energia elétrica, meios de transporte, financiamentos à lavoura, gastos com os setores de educação e saúde, são sacrificadas à realização do sonho da construção de Brasília.”<sup>48</sup>*

Um sonho que ele deixa bem claro ao final da reportagem, e como citado acima, é um sonho mágico do sr. Juscelino Kubitschek, e não da população brasileira.

Porém, mesmo com todas as ressalvas e os acordes dissonantes que deram corpo e forma à Nova Capital, inaugurou-se a grande vitrine que venderia a imagem de um Brasil progressista e em pleno desenvolvimento. Dias após a inauguração – tendo esta sido coberta por centenas de emissoras, nacionais e internacionais – o *Diário da Borborema* publica uma reportagem do jornalista Eptácio Soares em que ele diz:

*“Brasília – a nova capital brasileira recém-inaugurada – será ainda por bastante tempo assunto de controvérsias e polêmicas muito sérias. O comum de todas as revoluções é serem combatidas pelos espíritos anacrônicos, inimigos do progresso. E Brasília foi sem dúvida a maior das revoluções que já se fez no Brasil.*

*Brasília é o alvorecer de uma nova época de prosperidade para nossa pátria, com a integração na vida comum do país de uma grande área do território nacional.*

*Era preciso não ser patriota para não sentir durante as solenidades de inauguração da Nova Capital, frenir o espírito com o calor do civismo*

---

<sup>48</sup> “Brasília” *Diário da Borborema*, 27 de Novembro de 1957; pág. 02; col. 01.

## CONCLUSÃO

Sem haver a pretensão de estabelecer verdades, a conclusão deste texto nos chega como a possibilidade de repensar algumas questões que foram propostas no decorrer do trabalho.

Em um momento da história do Brasil em que se tentou criar uma estratégia capaz de racionalizar os espaços, e mais do que isso, criar para o exterior uma cidade que pudesse ser “*o resultado de um planejamento seguro com ampla imagem de êxito, de forma a proporcionar a prosperidade que os brasileiros tanto esperam e aguardam.*”<sup>1</sup> Acredito que as palavras de Mendes Souza exprimem bem o sentimento em torno da construção da Nova Capital, o de criar uma imagem de êxito, mesmo que ela não funcione da forma como foi planejada. A necessidade de se criar para o Brasil essa imagem de progresso e de êxito na sua corrida em busca de uma nova inserção no mercado mundial, não se restringiu apenas à construção de Brasília. Em Campina Grande, por exemplo, essa necessidade acabou gerando ecos e a cidade passou a se movimentar e participar desse projeto nacional. Assim, há um investimento na elaboração de uma imagem progressista também para esta cidade.

Como demonstrado no trabalho não dá para desconsiderar as elaborações em torno de uma certa modernidade para Campina Grande em momentos anteriores. No entanto, percebemos claramente como essa

---

<sup>1</sup> Mendes Souza - “Brasília, esperança dos homens do interior” *Diário da Borborema*, 03 de Junho de 1959: p. 03; col. 01.

modernidade vai sendo constantemente relida e reescrita a partir de signos diversos que vão contribuir para que essa imagem se consolide.

O olhar a cidade moderna a partir dos discursos proferidos por um símbolo dessa modernidade, essa foi a nossa proposta. Ver como, ao mesmo tempo em que se insere como produto da modernidade campinense, o *Diário da Borborema* institui para aquela cidade e para si mesmo um lugar de marco. Um como sendo marco na história da cidade (o jornal), o outro como marco regional, já que sob outras condições e a partir de outros signos, Campina Grande ganha novamente destaque regional.

Não pretendo que este seja um discurso que encerre uma discussão sobre as imagens do moderno em Campina Grande na década de 50, e nem poderia. Há muito mais a ser pesquisado sobre o período. O privilegiar uma só fonte foi um desafio, e um problema, porque me impossibilitou de dar voz a personagens que não foram contemplados pelo *Diário*. Por exemplo, falar dos personagens excluídos desse projeto de cidade moderna e racionalizada. Ou mesmo, as vozes contrárias ao projeto de construção de Brasília, que encontraram em outros jornais, ou revistas que circulavam à época, que não tive a oportunidade de pesquisar. Enfim, deixo então em aberto a possibilidade de dar continuidade a pesquisa sobre o tema que tanto tem ainda a contribuir para a história da Paraíba, e mais especificamente, de Campina Grande.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRA DO Ó, Alarcon. *O Leito de Procusto*. 1996 (dissertação de mestrado)
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Falas de Astúcia e Angústia: a seca no imaginário nordestino*. Mestrado em História, Campinas, Unicamp, 1988.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN/Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino uma invenção do "falo" – uma história do gênero masculino no Brasil*. [Projeto de pesquisa]
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. "Um Leque que Respira: a questão do objeto em história" In: PORTOCARRERO, V. e BRANCO, G. C. (orgs) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000.
- ALBUQUERQUE JR., D. M. "Geografia em Ruínas" In: *O engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. Tese de Doutorado, Unicamp, 1994
- ARANHA, G. B. *O Trem na Paraíba: tramas do político, imagens do moderno, significação cultural (1880-1922)*. Projeto de Doutorado, Unicamp, 1995 (mimeografado)
- BENEVIDES, M.V. de M. *O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- BOLLE, W. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994.

BRESCIANNI, M. S. M. "História e Historiografia<sup>7</sup> das cidades, um percurso"  
In.: FREITAS, M. C. de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São  
Paulo: Contexto, 1998

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. 2sª edição. Rio  
de Janeiro: Vozes, 1996.

DE DECCA, E. S. 1930. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FARO, C. e SILVA, S. L. Q. "A Década de 50 e o Programa de Metas" In:  
GOMES, A. de C. (org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora da  
Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

FOUCAULT, M. "Conferência I" In: *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de  
Janeiro: NAU, 1996.

FREYRE, G. *Brasis, Brasil e Brasília*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

GOMES, A. de C. (org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação  
Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

HOLSTON, J. *A Cidade Modernista – uma crítica de Brasília e sua utopia*. São  
Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NAPOLEÃO, A. *Juscelino: audácia, energia e confiança*. Rio de Janeiro: Bloch,  
1988.

OLIVEIRA, F. de. *Elegia para uma Re(li)gição*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e  
Terra, 1977.

ORTEGA, F. "Autoconstituição do Sujeito" In: *Amizade e Estética da  
Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

ORTEGA, F. "O Si mesmo e os Outros" In: *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PASTORE, J. *Brasília: a cidade e o homem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1969.

PORTOCARRERO, V. e BRANCO, G. C. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000

SÁ, C. (org.) *Olhar Urbano, Olhar Humano*. São Paulo: IBRASA, 1991

SCHAARF, M. B. e GOUVÊIA, R. R. "Significados da Urbanização: traços e fontes do historiador". In.: SÁ, C. (org.) *Olhar Urbano, Olhar Humano*. São Paulo: IBRASA, 1991

SEVCENKO, N. *Orfeu Estático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, N. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso" In: *História da Vida Privada*. v. 03. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, R. M. G. *O Regionalismo Nordestino*. São Paulo: Moderna, 1984.

SOUSA, F. G. R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade*. Campina Grande (1920-1945). Tese de Doutorado. Unicamp, Março de 2001

VÉRAS, C. C. de L. *O Espelho de Narciso*. Monografia de Graduação em História. Campina Grande, UFPB, 1988.

VESENTINI, J. W. *A Capital da Geopolítica*. 4ª edição, São Paulo: Ática, 1996.



**Fontes:**

Diário da Borborema – 1957 a 1961.

Crônicas de Cristino Pimentel – propriedade da sra. Creuzolita Agra

CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. *Campina Grande e sua função como capital regional*. (IBGE – Conselho Nacional de Geografia). Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXV, nº IV – Edição Comemorativa do Centenário da Cidade de Campina Grande, maio de 1964.

OLIVEIRA, J. K. de. *Porque Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. *Campina Grande – um centro comercial do Nordeste*. Relatório do Departamento do Serviço Social do Comércio, publicado por ocasião da comemoração do centenário de Campina Grande em 1964.

# ANEXOS

## Plano-piloto de Brasília

Com este plano, apresentado no concurso de projetos para a nova capital, o urbanista Lúcio Costa se tornou responsável pelo urbanismo de Brasília.

"... José Bonifácio, em 1823, propõe a transferência da Capital para Goiás e sugere o nome de  
BRASÍLIA."

Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova Capital, e também justificar-me.

Não pretendia competir e, na verdade, não concorro — apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, já pronta.

Compareço, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples *maquisard* do urbanismo, que não pretende prosseguir no desenvolvimento da idéia apresentada senão eventualmente, na qualidade de mero consultor. E se procedo assim candidamente é porque me amparo num raciocínio igualmente simplório: se a sugestão é válida, estes dados, conquanto sumários na sua aparência, já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original, ela foi, depois, intensamente *pensada e resolvida*; se o não é, a exclusão se fará mais facilmente e não terei perdido o meu tempo nem tomado o tempo de ninguém.

A liberação do acesso ao concurso reduziu de certo modo a consulta àquilo que de fato importa, ou seja, à concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região. Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. E o que se indaga é como no entender de cada concorrente uma tal cidade deve ser concebida. Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como *urbs*, mas como *civitas*, possuidora dos atributos inerentes a uma capital. E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de uma certa dignidade e nobreza de *intenção*, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, *consciente*, daquilo que vale e significa. Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país.

Dito isto, vejamos como nasceu, se definiu e resolveu a presente solução:

- 1 - Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal-da-cruz.
- 2 - Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada.
- 3 - E houve o propósito de aplicar os princípios francos da técnica rodoviária — inclusive a eliminação dos cruzamentos — à técnica urbanística, conferindo-se ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circulatória tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais para o tráfego local, e dispondo-se ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais.
- 4 - Como decorrência dessa concentração residencial, os centros cívico e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais e, por fim, a estação ferroviária foram-se naturalmente ordenando e dispendo ao longo do eixo transversal que passou assim a ser eixo monumental do sistema. Lateralmente à intersecção dos eixos, mas participando funcionalmente e em termos de composição urbanística do eixo monumental, localizaram-se o setor bancário e comercial, o setor dos escritórios de empresas e profissões liberais e ainda os amplos setores do varejo comercial.
- 5 - O cruzamento desse eixo monumental, de cota inferior, com o eixo rodoviário-residencial impôs a criação de uma grande plataforma liberta do tráfego que não se destine ao estacionamento ali, remanso onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes etc.
- 6 - O tráfego destinado aos demais setores prossegue, ordenado em mão única, na área térrea inferior coberta pela plataforma e entalada nos dois topos mas aberta nas faces maiores, área utilizada em grande parte para o estacionamento de veículos e onde se localizou a estação rodoviária interurbana, acessível aos passageiros pelo nível superior da plataforma. Apenas as pistas de velocidade mergulham, já então subterrâneas, na parte central desse piso inferior que se espraia em declive até nivelar-se com a esplanada do setor dos ministérios.
- 7 - Desse modo e com a introdução de três trevos completos em cada ramo do eixo rodoviário e outras tantas passagens de nível inferior, o tráfego de automóveis e ônibus se processa tanto na parte central quanto nos setores residenciais *sem qualquer cruzamento*. Para o tráfego de caminhões estabeleceu-se um sistema secundário autônomo com cruzamentos

sinalizados mas sem cruzamento ou interferência alguma com o sistema anterior, salvo acima do setor esportivo, e que acede aos edifícios do setor comercial ao nível do subsolo, contornando o centro cívico em cota inferior, com galerias de acesso previstas no terraplano.

8 - Fixada assim a rede geral do tráfego automóvel, estabeleceram-se, tanto nos setores centrais como nos residenciais, tramas autônomas para o trânsito local dos pedestres a fim de garantir-lhes o uso livre do chão, sem contudo levar tal separação a extremos sistemáticos e antinaturais, pois não se deve esquecer que o automóvel, hoje em dia, deixou de ser o inimigo inconciliável do homem, domesticou-se, já faz, por assim dizer, parte da família. Ele só se “desumaniza”, readquirindo vis-à-vis do pedestre feição ameaçadora e hostil, quando incorporado à massa anônima do tráfego. Há então que separá-los, mas sem perder de vista que, em determinadas condições e para comodidade recíproca, a coexistência se impõe.

9 - Veja-se agora como nesse arcabouço de circulação ordenada se integram e articulam os vários setores.

Destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontraram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar apropriada para contê-los. Criou-se então um terraplano triangular, com arrimo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem acesso pela própria rampa da auto-estrada que conduz à residência e ao aeroporto. Em cada ângulo dessa praça — Praça dos Três Poderes, poderia chamar-se — localizou-se uma das casas, ficando as do Governo e do Supremo Tribunal na base e a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma ampla esplanada disposta num segundo terraplano, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local, igualmente arrimado de pedras em todo o seu perímetro.

A aplicação em termos atuais, dessa técnica oriental milenar dos terraplenos, garante a coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista.

Ao longo dessa esplanada — o Mall, dos ingleses — extenso gramado destinado a pedestres, a paradas e a desfiles, foram dispostos os ministérios e autarquias.

Os das Relações Exteriores e Justiça ocupando os cantos inferiores, contíguos ao edifício do Congresso e com enquadramento condigno, os ministérios militares constituindo uma praça autônoma, e os demais ordenados em seqüência — todos com área privativa de estacionamento — sendo o último o da Educação, a fim de ficar vizinho do setor cultural, tratado à maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos etc., setor este também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária com o respectivo Hospital de Clínicas, e onde também se

prevê a instalação do Observatório. A Catedral ficou igualmente localizada nessa esplanada, mas numa praça autônoma disposta lateralmente, não só por questão de protocolo, uma vez que a Igreja é separada do Estado, como por uma questão de escala, tendo-se em vista valorizar o monumento, e ainda, principalmente, por outra razão de ordem arquitetônica: a perspectiva de conjunto da esplanada deve prosseguir desimpedida até além da plataforma onde os dois eixos urbanísticos se cruzam.

10 - Nesta plataforma onde, como se viu anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a esplanada dos ministérios não foi edificada com exceção de uma eventual casa de chá e da Ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da Rua do Ouvidor, das ruelas venezianas ou das galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e *loggias* na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão. O pavimento térreo do setor central desse conjunto de teatro e cinemas manteve-se vazado em toda a sua extensão, salvo os núcleos de acesso aos pavimentos superiores, a fim de garantir continuidade à perspectiva, e os andares se previram envidraçados nas duas faces para que os restaurantes, clubes, casas de chá etc. tenham vista, de um lado para a esplanada inferior, e do outro para o aclave do parque no prolongamento do eixo monumental e onde ficaram localizados os hotéis comerciais e de turismo e, mais acima, para a torre monumental das estações radioemissoras e de televisão, tratada como elemento plástico integrado na composição geral. Na parte central da plataforma, porém disposto lateralmente, acha-se o saguão da estação rodoviária com bilheteria, bares, restaurantes etc., construção baixa, ligada por escadas rolantes ao hall inferior de embarque separado por envidraçamento do cais propriamente dito. O sistema de mão única obriga os ônibus na saída a uma volta, num ou noutro sentido, fora da área coberta pela plataforma, o que permite ao viajante uma última vista do eixo monumental da cidade antes de entrar no eixo rodoviário-residencial - *despedida* psicologicamente desejável. Previram-se igualmente nessa extensa plataforma destinada principalmente, tal como no piso térreo, ao estacionamento de automóveis, duas amplas praças privativas dos pedestres, uma fronteira ao teatro da Ópera e outra, simetricamente disposta, em frente a um pavilhão de pouca altura debruçado sobre os jardins do setor cultural e destinado a restaurante, bar e casa de chá. Nestas praças, o piso das pistas de rolamento, sempre de sentido único, foi ligeiramente sobrelevado em larga extensão, para o livre cruzamento dos

pedestres num e noutro sentido, o que permitirá acesso franco e direito tanto aos setores de varejo comercial quanto ao setor dos bancos e escritórios.

11 - Lateralmente a esse setor central de diversões, e articulados a ele, encontram-se dois grandes núcleos destinados exclusivamente ao comércio — lojas e *magasins*, e dois setores distintos, o bancário — comercial, e o dos escritórios para profissões liberais, representações e empresas, onde foram localizados, respectivamente, o Banco do Brasil e a sede dos Correios e Telégrafos. Estes núcleos e setores são acessíveis aos automóveis diretamente das respectivas pistas, e aos pedestres por calçadas sem cruzamento, e dispõe de autopostos para estacionamento em dois níveis e de acesso de serviço pelo subsolo correspondente ao piso inferior da plataforma central. No setor dos bancos, tal como no dos escritórios, previram-se três blocos altos e quatro de menor altura, ligados entre si por extensa ala térrea com sobreloja de modo a permitir intercomunicação coberta e amplo espaço para instalação de agências bancárias, agências de empresas, cafés, restaurantes, etc. Em cada núcleo comercial propõe-se uma seqüência ordenada de blocos baixos e alongados e um maior, de igual altura dos anteriores, todos interligados por um amplo corpo térreo de lojas, sobrelojas e galerias. Dois braços elevados da pista de contorno permitem, também aqui, acesso franco aos pedestres.

12 - O setor esportivo, com extensíssima área destinada exclusivamente ao estacionamento de automóveis, instalou-se entre a Praça da Municipalidade e a torre radioemissora, que se prevê de planta triangular com embasamento monumental de concreto aparente até o piso dos *studios* e mais instalações, e superestrutura metálica com mirante localizado a meia altura. De um lado o estádio e mais dependências, tendo aos fundos o Jardim Botânico; do outro o hipódromo com as respectivas tribunas e vila hípica e, contíguo, o Jardim Zoológico, constituindo estas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, como que os pulmões da nova cidade.

13 - Na Praça Municipal, instalaram-se a Prefeitura, a Polícia Central, o Corpo de Bombeiros e a Assistência Pública. A penitenciária e o hospício, conquanto afastados do centro urbanizado, fazem igualmente parte deste setor.

14 - Acima do setor municipal foram dispostas as garagens da viação urbana, em seguida, de uma banda e de outra, os quartéis e, numa larga faixa transversal, o setor destinado ao armazenamento e à instalação das pequenas indústrias de interesse local, com setor residencial autônomo, zona esta rematada pela estação ferroviária e articulada igualmente a um dos ramos da rodovia destinada aos caminhões.

15 - Percorrido assim de ponta a ponta este eixo dito monumental, vê-se que a fluência e unidade do traçado, desde a praça do Governo até à Praça Municipal, não exclui a variedade, e cada setor, por assim dizer, vale por si como organismo plasticamente

autônomo na composição do conjunto. Essa autonomia cria espaços adequados à escala do homem e permite o diálogo monumental, localizado sem prejuízo do desempenho arquitetônico de cada setor na harmoniosa integração urbanística do todo.

16 - Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem. Disposição que apresenta a dupla vantagem de garantir a ordenação urbanística mesmo quando varie a densidade, categoria, padrão ou qualidade arquitetônica dos edifícios, e de oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras.

Dentro destas "superquadras" os blocos residenciais podem dispor-se da maneira mais variada, obedecendo porém a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme, talvez seis pavimentos e pilotis, e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente o acesso à escola primária e às comodidades existentes no interior de cada quadra. Ao fundo das quadras estende-se a via de serviço para o tráfego de caminhões, destinando-se ao longo dela a frente oposta às quadras à instalação de garagens, oficinas, depósitos do comércio em grosso etc., e reservando-se uma faixa do terreno equivalente a uma terceira ordem de quadras, para floricultura, horta e pomar. Entaladas entre essa via de serviço e as vias do eixo rodoviário, intercalaram-se então largas e extensas faixas com acesso alternado, ora por uma, ora por outra, e onde se localizaram a igreja, as escolas secundárias, o cinema e o varejo do bairro, disposto conforme a sua classe ou natureza.

O mercadinho, os açougues, as vendas, quitandas, casas de ferragens etc., na primeira metade da faixa correspondente ao acesso de serviço; as barbearias, cabeleireiros, modistas, confeitarias etc., na primeira seção da faixa de acesso privativo dos automóveis e ônibus, onde se encontram igualmente os postos de serviço para venda de gasolina. As lojas dispõem-se em renque com vitrinas e passeio coberto na face fronteira às cintas arborizadas de enquadramento dos quarteirões e privativas dos pedestres, e o estacionamento na face oposta, contígua às vias de acesso motorizado, prevendo-se travessas para ligação de uma parte a outra, ficando assim as lojas geminadas duas a duas, embora o seu conjunto constitua um corpo só.

Na confluência das quatro quadras localizou-se a igreja do bairro, e aos fundos dela as escolas secundárias, ao passo que na parte da faixa de serviço fronteira à rodovia se previu o



cinema, a fim de torná-lo acessível a quem proceda de outros bairros, ficando a extensa área livre intermediária destinada ao clube da juventude, com campo de jogos e recreio.

17 - A gradação social poderá ser dosada facilmente, atribuindo-se maior valor a determinadas quadras como, por exemplo, às quadras singelas contíguas ao setor das embaixadas, setor que se estende de ambos os lados do eixo principal paralelamente ao eixo rodoviário, com alamêdas de acesso autônomo e via de serviços para o tráfego de caminhões comum às quadras residenciais. Essa alameda, por assim dizer, privativa do bairro das embaixadas e legações, se prevê edificada apenas num dos lados, deixando-se o outro com a vista desimpedida sobre a paisagem, excetuando-se o hotel principal localizado nesse setor e próximo do centro da cidade. No outro lado do eixo rodoviário-residencial, as quadras contíguas à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do regime vigente; contudo, o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia num certo grau a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação.

E seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos têm direito. Elas decorrerão apenas de uma maior ou menor densidade, do maior ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau e requinte do acabamento. Neste sentido deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população.

18 - Previram-se igualmente setores ilhados, cercados de arvoredos e campo, destinados a loteamento para casas individuais, sugerindo-se uma disposição dentada em cremalheira, para que as casas construídas nos lotes de topo se destaquem na paisagem, afastadas umas das outras, disposição que ainda permite acesso autônomo de serviço para todos os lotes. E admitiu-se igualmente a construção eventual de casas avulsas isoladas de alto padrão arquitetônico — o que não implica tamanho — estabelecendo-se porém como regra, nestes casos, o afastamento mínimo de um quilômetro de casa a casa, o que acentuará o caráter excepcional de tais concessões.

19 - Os cemitérios localizados nos extremos do eixo rodoviário-residencial evitam aos cortejos a travessia do centro urbano. Terão chão de grama e serão convenientemente arborizados, com sepulturas rasas e lápides singelas, à maneira inglesa, tudo desprovido de qualquer ostentação.

20 - Evitou-se a localização dos bairros residenciais na orla da lagoa, a fim de preservá-la intata, tratada com bosques e campos de feição naturalista e rústica para os passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana. Apenas os clubes esportivos, os

restaurantes, os lugares de recreio, os balneários, os núcleos de pesca poderão chegar à beira d'água. O Clube de Golf situou-se na extremidade leste, contíguo à Residência e ao hotel, ambos em construção, e ao Yacht Club na enseada vizinha, entremeados por denso bosque que se estende até a margem da represa, hordejada nesse trecho pela alameda de contorno que intermitentemente se desprende de sua orla para embrenhar-se pelo campo, que se pretende eventualmente florido e manchado de arvoredo. Essa estrada se articula ao eixo rodoviário e também à pista autônoma de acesso direto do aeroporto ao centro cívico, por onde entrarão na cidade os visitantes ilustres, podendo a respectiva saída processar-se, com vantagem, pelo próprio eixo rodoviário-residencial. Propõe-se, ainda, a localização do aeroporto definitivo na área interna da represa, a fim de evitar-lhe a travessia ou o contorno.

21 - Quanto à numeração urbana, a referência deve ser o eixo monumental, distribuindo-se a cidade em metades Norte e Sul; as quadras seriam assinaladas por números, os blocos residenciais por letras, e finalmente o número do apartamento na forma usual, assim, por exemplo, N-Q3-L ap. 201. A designação dos blocos com relação à entrada da quadra deve seguir da esquerda para a direita, de acordo com a norma.

22 - Resta o problema de como dispor o terreno e torná-lo acessível ao capital particular. Entendo que as quadras não devem ser loteadas, sugerindo, em vez da venda de *lotes*, a venda de *quotas* de terreno, cujo valor dependerá do setor em causa e do gabarito, a fim de não entrar o planejamento atual e possíveis remodelações futuras no delineamento interno das quadras. Entendo também que esse planejamento deveria de preferência anteceder a venda das quotas, mas nada impede que os compradores de um número substancial de quotas submetam à aprovação da Companhia projeto próprio de urbanização de uma determinada quadra, e que, além de facilitar aos incorporadores a aquisição de quotas, a própria Companhia funcione, em grande parte, como incorporadora. E entendo igualmente que o preço das quotas, oscilável conforme a procura, deveria incluir uma parcela com taxa fixa, destinada a cobrir despesas do projeto, no intuito de facilitar tanto o convite a determinados arquitetos como a abertura de concursos para a urbanização e edificação das quadras que não fossem projetadas pela Divisão de Arquitetura da própria Companhia. E sugiro ainda que a aprovação dos projetos se processe em duas etapas — anteprojeto e projeto definitivo, no intuito de permitir seleção prévia e melhor controle da qualidade das construções.

Da mesma forma quanto ao setor do varejo comercial e aos setores bancário e dos escritórios das empresas e profissões liberais, que deveriam ser projetados previamente de modo a se poderem fracionar em subsetores e unidades autônomas, sem prejuízo da integridade arquitetônica, e assim se submeterem parceladamente à venda no mercado imobiliário, podendo a construção propriamente dita, ou parte dela, correr por conta dos interessados ou da Companhia, ou ainda, conjuntamente.

23 - Resumindo, a solução apresentada é de fácil apreensão, pois se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade no tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando daí a harmonia de exigências de aparência contraditória. É assim que, sendo monumental, é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana. lírica e funcional. O tráfego de automóveis se processa sem cruzamentos, e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre. E por ter o arcahouço tão claramente definido. é de fácil execução: dois eixos. dois terraplenos. uma plataforma, duas pistas largas num sentido, uma rodovia no outro, rodovia que poderá ser construída por partes — primeiro as faixas centrais com um trevo de cada lado, depois as pistas laterais, que avançariam com o desenvolvimento normal da cidade. As instalações teriam sempre campo livre nas faixas verdes contíguas às pistas de rolamento. As quadras seriam apenas niveladas e paisagisticamente definidas, com as respectivas cintas plantadas de grama e desde logo arborizadas, mas sem calçamento de qualquer espécie, nem meios-fios. De uma parte, técnica rodoviária; de outra, técnica paisagística de parques e jardins.

Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade-parque. Sonho arquisecular do Patriarca.

Lúcio Costa

10 de março de 1957

*[Extraído de Lúcio Costa, Plano-piloto de Brasília, ed. Módulo — Arquitetura Ltda.]*